

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
CENTRO DE GESTÃO ORGANIZACIONAL
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**A GAZPROM COMO FERRAMENTA ESTRATÉGICA NO SETOR
ECONÔMICO RUSSO NAS RELAÇÕES COM A EUROPA NO
PERÍODO 1999 – 2012**

Jéferson Andrei Driemeier

Lajeado, novembro de 2015

Jéferson Andrei Driemeier

**A GAZPROM COMO FERRAMENTA ESTRATÉGICA NO SETOR
ECONÔMICO RUSSO NAS RELAÇÕES COM A EUROPA NO
PERÍODO 1999 – 2012**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Relações Internacionais, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Dalmáz

Lajeado, novembro de 2015

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Participação da Gazprom nas reservas nacionais e internacionais de gás natural e participação na produção global e nacional de gás natural	28
Figura 2 – Rota do projeto <i>Nord Stream</i>	32
Figura 3 – Rota do gasoduto <i>Blue Stream</i>	33
Figura 4 - Sistema de Abastecimento Unificado de Gás (UGSS).....	34
Figura 5 - Falhas no sistema de distribuição por 1.000 quilômetros.....	35
Figura 6 - Exportações da Gazprom de gás natural para a Europa (bcm).....	44
Figura 7 - Exportações da Gazprom de gás natural para a Europa por país (bcm)	45
Figura 8 - Vendas de gás natural para a Europa (incluindo impostos de consumo).	46
Figura 9 – Gasodutos russos na Europa	48

ABREVIATURAS E SIGLAS

BCM	Billion Cubic Metres – Bilhões de Metros Cúbicos
IEA	International Energy Agency – Agência Internacional de Energia
NATO	North Atlantic Treaty Organization – Organização do Tratado do Atlântico Norte
SI	Sistema Internacional
UGSS	Unified Gas Supply System – Sistema de Abastecimento Unificado de Gás
URSS/USSR	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas / Union of Soviet and Socialist Republics
CIS/CES	Commonwealth of Independent States / Comunidade dos Estados Independentes

RESUMO

O gás natural é um recurso natural de caráter econômico e estratégico muito importante para a Rússia, o qual só ganhou posição de destaque na agenda russa a partir do momento em que Vladimir Putin integra o governo como primeiro ministro (1999). O gás natural foi visto como um vetor em direção à expansão econômica, recuperação do poder e prestígio perdidos ao final da Guerra Fria e ajustes internos do país, sendo a Gazprom (estatal russa) a protagonista da expansão russa no setor energético. No ocidente, a Europa, potencial consumidor, com deficiência na área de produção energética, passa a ser um alvo para as políticas comerciais da Gazprom, a partir de contratos de fornecimento, criação de *Joint Ventures* e um posicionamento que evidencia a dependência europeia em relação ao fornecimento russo. Expostos os fatos, a presente monografia tem como objetivo analisar os principais impactos do uso da Gazprom como ferramenta econômica e estratégica em relação à Europa entre o ano de 1999 (início do primeiro governo Putin, como primeiro ministro) e 2012 (término do segundo mandato como primeiro ministro), investigando a transformação ocorrida no Estado Russo ao final da Guerra Fria, as características da Gazprom e suas estratégias em relação ao gás natural. Será também analisado nesse contexto as relações comerciais russas com a Europa, bem como os volumes transacionados de gás natural. Buscar-se-á a partir de uma pesquisa com metodologia de caráter exploratório e qualitativo responder a problemática “Quais os principais impactos do uso da Gazprom como ferramenta estratégica da Rússia no âmbito econômico e diplomático entre 1999 e 2012 nas relações com a Europa?” A partir da pesquisa bibliográfica acerca do tema, consultaram-se vários autores, que se caracterizam por abordagens realistas, em que foi possível confirmar as hipóteses, como o crescimento de 518,5% das receitas advindas da exportação de gás natural, aumento da influencia a partir da consolidação do cenário de dependência europeia e uma maior presença russa no continente europeu.

Palavras-chave: Rússia. Europa. Gazprom. Gás Natural.

ABSTRACT

Natural Gas is a natural resource of economic and strategic nature extremely important for Russia, which has only gotten a prominent position in the Russian agenda from the moment in which Vladimir Putin integrates the government as Prime Minister (1999). The Natural Gas was seen as a vector towards the economic expansion, recuperation of the potency and of the prestige, which both were lost at the end of the Cold War and internal adjustments of the country, in which the protagonist of the Russian expansion in the energy sector is *Gazprom* (Russian State Company). In the West, the Europe, potential consumer, with disabilities in the energy production area, becomes a target for the *Gazprom* commercial policies, through supply contracts, Joint Ventures creation and a positioning which evidences the European dependencies in relation to the Russian supply. Exposed the facts, this monograph aims to analyze the main impacts of the usage of *Gazprom* as an economic and a strategic tool in relation to Europe between 1999 (beginning of the first *Putin* government as Prime Minister) and 2012 (end of the second mandate as Prime Minister), investigating the transformation occurred in the Russian State at the end of Cold War, the *Gazprom characteristics* and its strategies in relation to the Natural Gas. In this context, the Russian commercial relations with Europe, as well as the traded volumes of Natural Gas will be also analyzed. It will be sought, from a survey of exploratory and qualitative methodology, to answer the issue: "What are the main impacts of the usage of *Gazprom* as a Russian strategic tool in the economic and diplomatic ambit between 1999 and 2012 in the relations with the Europe? ". Through the bibliographic search about the theme, various authors were consulted. These authors are characterized by realistic approaches, in which it was possible to confirm the hypothesis, with the increase of 518,5% of the revenues from the exportation of Natural Gas, raise of the influence from the consolidation of the scenario of European dependence and the growth of the Russian presence in the European continent.

Keywords: Russia. Europe. Gazprom. Natural Gas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DA DISSOLUÇÃO DA URSS À CRIAÇÃO DO NOVO ESTADO RUSSO	13
2.1 O processo de dissolução da URSS	13
2.2 Criação do Estado Nacional Russo	18
2.3 Conclusões preliminares	26
3 GRUPO GAZPROM	27
3.1 A Gazprom	27
3.2 Sistema de distribuição	29
3.3 Retomando o controle	35
3.4 Conclusões preliminares	37
4 RELAÇÃO RÚSSIA-EUROPA E A POLÍTICA COMERCIAL DO GÁS NATURAL	39
4.1 A relações com a Europa	39
4.2 Ingressando no mercado energético europeu	41
4.3 As exportações de gás natural	43
4.4 A dependência Europeia do gás russo	46
4.5 Conclusões preliminares	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51

1 INTRODUÇÃO

Os recursos naturais energéticos são muito importantes nos dias de hoje, uma vez que são potenciais fontes de energia para o mundo. A Rússia possui grande potencial no campo energético, tendo como um dos principais produtos o gás natural, produto esse que é em grande parte explorado pela estatal Gazprom.

O gás natural é um produto na pauta de exportações russa desde os tempos de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), período em que foram construídos os gasodutos para levar o produto até os países europeus.

A antiga URSS surge após 1990 como uma república capitalista, a qual irá enfrentar momentos conturbados na referida década. Após os anos 2000 esse Estado passa por uma reestruturação e passa a ter objetivos claros e definidos quanto aos aspectos econômicos e políticos. A exploração dos recursos energéticos se torna um dos principais itens na agenda do presidente russo Vladimir Putin.

Desde 1999, Vladimir Putin está no governo russo, seja como primeiro ministro (1999-2000; 2008-2012) ou presidente (2000-2008; 2012 em diante), e alguns dos seus objetivos eram promover ajustes no ambiente econômico interno do país, bem como restaurar o poder perdido após o término da Guerra Fria (1947-1991). Para obter êxito em seus objetivos, um dos elementos utilizados em seu governo tem sido a exploração, distribuição e comercialização do gás natural através da estatal Gazprom.

O continente europeu possui uma alta demanda energética, porém não é autossuficiente no referido recurso. Sendo assim, é dependente de recursos externos e a Rússia é um grande fornecedor de gás natural, tendo uma alta representatividade

nas importações de recursos energéticos dos países europeus. A partir da dependência europeia dos recursos energéticos russos, o governo russo procurou obter ganhos econômicos, sendo que “[...] a Rússia interage com os Estados europeus com o seu objetivo de promover a sua segurança nacional e metas econômicas” (OLIKER et al. 2009, p. 106).

Nesse contexto, tem-se a Europa, um conjunto de países dependentes do fornecimento de gás natural russo, pois em sua maioria prefere não fazer uso de recursos nucleares. Dessa forma, os europeus se tornam extremamente dependentes desse recurso, uma vez que boa parte do seu abastecimento para casas, indústrias e demais atividades ocorre por meio dessa forma. Além do mais, empresas europeias fizeram *joint ventures*¹ com a Gazprom, com contratos de longo prazo no fornecimento de gás e também em projetos de construção e ampliação da rede de gasodutos.

O gás natural, antes vendido a preços menores, torna-se alvo do governo russo a fim de atingir objetivos econômicos, uma vez que a partir de preços maiores, projetos de ampliação da produção e estratégias de distribuição é possível a obtenção de lucros maiores. Para promover seus planos, usa-se a Gazprom – empresa de controle do governo – como ferramenta na execução dos planos.

Na presente monografia, o objetivo geral é analisar os principais impactos do uso da Gazprom como ferramenta econômica e estratégica em relação à Europa entre o ano de 1999 (início do primeiro governo Putin, como primeiro ministro) e 2012 (término do segundo mandato como primeiro ministro). Como objetivos específicos, tem-se investigar a transformação ocorrida no Estado Russo ao final da Guerra Fria; caracterizar a estratégia econômica russa do gás natural; caracterizar a Gazprom e sua estrutura; investigar e analisar as relações com a Europa; mensurar os volumes das transações de gás para a Europa.

A fim de atingir os objetivos, o presente trabalho traz como problemática a questão: “Quais os principais impactos do uso da Gazprom como ferramenta

¹ Se trata da associação de pessoas jurídicas com finalidade lucrativa, engajadas na produção de bens prestação de serviço e demais projetos, possuindo prazos determinados.

estratégica da Rússia no âmbito econômico e diplomático entre 1999 e 2012 nas relações com a Europa?”

A problemática remete à formulação de uma hipótese, que é

[...] uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros (BARDIN, 2011, p. 128).

Dessa forma, a partir da problemática apresentada, chega-se à hipótese de que o impacto econômico e diplomático do uso da Gazprom pela Rússia é o aumento das receitas advindas da exportação de gás natural, o resgate da influência no campo do poder perdida após o declínio soviético e o aumento da presença russa no continente europeu.

Nesse trabalho serão estudados e analisados temas relevantes na área das relações internacionais, que contribuirão para agregar novos conhecimentos e entendimentos na formação do autor da pesquisa. Também é válido citar que pode ser útil para futuras consultas no ambiente acadêmico, uma vez que traz informações importantes das relações internacionais contemporâneas.

As relações exteriores são de alta relevância, uma vez que os atores internacionais possuem interesses individuais e fazem uso de estratégias para obter êxito em seus objetivos. Nesse contexto temos a Rússia, produtora e distribuidora de gás natural, e a Europa, dependente do abastecimento energético russo. A relação econômica é relevante e caracteriza-se como interdependente dada a dependência europeia do abastecimento russo, bem como a Rússia é dependente, dado o volume de gás que é destinado aos países europeus, estabelecendo uma relação que possui muitas estratégias a fim de atingir os objetivos de cada um.

Os autores que serão usados como referências na presente monografia nos remetem à corrente realista, uma vez que em seu discurso apresentam características da referida corrente em suas análises quanto ao Estado russo:

[...] algumas premissas podem ser consideradas comuns a todos realistas. Essas premissas são a centralidade do Estado, que tem por objetivo central sua sobrevivência, a função do poder para garantir essa sobrevivência [...]. os realistas consideram que o Estado é um ator unitário e racional, o que significa que o Estado age de maneira uniforme e homogênea e em defesa do interesse nacional[...] (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 22-25).

A metodologia se caracteriza por ser de caráter exploratório, pois conforme Gil (2002, p. 41) “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. O autor ainda traz a ideia de que o objetivo principal dessa categoria de classificação quanto aos objetivos é o aprimoramento de ideias, sendo considerado variados fatos relativos ao tema estudado.

A presente monografia tem como natureza de abordagem a caracterização qualitativa, uma vez que, conforme Mezzaroba e Monteiro (2009, p. 110), “a compreensão das informações é feita de uma forma mais global, e inter-relacionada com fatores variados, privilegiando contextos”.

Nesse contexto o autor ainda cita:

A pesquisa qualitativa também pode possuir um conteúdo altamente descritivo e pode até lançar mão de dados quantitativos incorporados em suas análises, mas o que vai preponderar sempre é o exame rigoroso da natureza, do alcance e das interpretações possíveis para o fenômeno estudado e (re)interpretado de acordo com as hipóteses estrategicamente estabelecidas pelo pesquisador (MEZZAROBA; MONTEIRO, 2009, p. 111).

Quanto aos procedimentos técnicos, a presente monografia é alicerçada na pesquisa bibliográfica, que Gil (2002, p. 44-45) define como a pesquisa desenvolvida a partir de materiais já elaborados, tais como livros, dicionários, periódicos, enciclopédias, os quais analisam diversas interpretações sobre um problema. O autor ainda revela que as pesquisas bibliográficas, em sua grande maioria, fazem parte de pesquisas exploratórias.

A coleta de dados do projeto de pesquisa é baseada na forma de documentação, através de fontes bibliográficas ou fontes secundárias. Conforme

Chemin (2012), a base de dados é composta por publicações sobre o tema estudado, como periódicos, dissertações, teses, livros, artigos, entre outros.

Considerando os objetivos específicos, a coleta de dados será baseada em publicações, como artigos e livros, caracterizando-se como uma pesquisa bibliográfica, que, conforme Gil (2002), é um processo que se desenvolve ao longo de várias etapas, como escolha do tema, levantamento bibliográfico, formulação do problema, leitura, referencial teórico, entre outros. A técnica será aplicada a partir da consulta em livros, *e-books*, artigos, *sites* da própria organização (Gazprom) e periódicos, que através da leitura, construir-se-á um roteiro que possibilite uma análise lógica dos fatos.

O trabalho desenvolvido tem como procedimento de análise de dados a análise de conteúdo, que

[...] permite a descrição sistemática, objetiva e quantitativa do conteúdo manifesto de uma comunicação; instrumento voltado ao estudo de ideias, e não de comportamentos ou de objetos físicos. Ele permite descrever o conteúdo de livros, artigos de revistas, jornais, discursos, filmes, propagandas, entrevistas, programas de rádio e tevê, programas em geral etc., em que o conteúdo das comunicações é estudado por meio de categorias sistemáticas, determinadas com antecedência, que levam a resultados quantitativos (CHEMIN, 2012, p. 71).

O conteúdo será analisado em três capítulos. No primeiro – Da dissolução da URSS à criação do novo Estado Russo – será feita uma abordagem da transição do período soviético até o período de Putin. No capítulo subsequente – Grupo Gazprom – será caracterizada a Gazprom e sua estrutura. Por fim, no último capítulo – Relação Rússia-Europa e a política comercial do gás natural – serão analisadas as relações da Rússia com a Europa, relacionando-se com os conteúdos que serão trabalhados nos primeiros capítulos.

2 DA DISSOLUÇÃO DA URSS À CRIAÇÃO DO NOVO ESTADO RUSSO

O presente capítulo tem por objetivo caracterizar a transição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) de um período de projeção de poder até o seu declínio e formação do novo Estado Russo, no início dos anos 1990, momento em que a exploração mais intensa do campo energético entra na agenda do governo de Vladimir Putin². Também será abordada a posição de potência dos Estados Unidos da América (EUA) durante a Guerra Fria (1947-1991), tendo em vista sua ingerência na questão energética mundial.

2.1 O processo de dissolução da URSS

A URSS foi fundada em 1922, caracterizando-se como um Estado Federal multinacional na constituição de 1924. Durante o passar dos anos, passou a incorporar novos países, mesmo que de forma forçada, fato esse que teve como consequência a expansão territorial soviética. Esse conjunto de países teve como base a dupla identidade: identidades étnicas e identidade soviética. Fundamentado em seus ideais, a URSS buscou disseminar o comunismo no mundo todo através da geopolítica (CASTELLS, 1999).

² Vladimir Putin, atual presidente da Rússia, nasceu em 07 de outubro de 1952 em Leningrad, fazendo parte de uma família comum, de onde sempre carregou hábitos. Putin estudou na área das leis, bem como na escola da KFB e posteriormente trabalhou na área de inteligência na Alemanha. Após retornar para a Rússia, trabalhou na Universidade de Leningrad e depois iniciou sua carreira política em Moscou, onde passou pelos cargos de primeiro ministro e presidente (KREMLIN, 2015, texto digital).

A Geopolítica³ seria usada ao se encaixar com as origens da URSS, em que cinco círculos foram traçados de forma concêntrica, com o objetivo de oferecer segurança e ao mesmo tempo expansão. O primeiro círculo correspondia a Rússia e suas repúblicas-satélite autônomas, círculo esse que representaria o poder soviético. Um segundo círculo era formado por repúblicas com contato direto ao mundo exterior, se caracterizando como uma área neutra. O terceiro círculo era formado por repúblicas fora da URSS, porém sob influência direta dos ideais soviéticos. O quarto círculo era formado por Estados a favor dos soviéticos, como Cuba e Coréia do Norte. O último círculo era formado pelos simpatizantes e apoiadores da disseminação internacional do movimento comunista (CASTELLS, 1999). É importante ressaltar que no caso da Rússia, conforme Trenin (2007, p. 95, tradução nossa)⁴ “A geopolítica é importante principalmente como afeta os interesses econômicos[...]”.

Havendo diferenças nos princípios econômicos, políticos e sociais entre EUA e URSS, tem-se como produto a Guerra Fria, sobre a qual há de se dizer, conforme Halliday (2007, p. 192), que se tratou de um conflito intersistêmico, isto é, um confronto entre sistemas⁵ diferentes (o capitalismo e o socialismo) que não iria terminar a partir da convergência dos dois, e sim, a partir da prevalência de um sobre o outro.

Numa disputa de ideais políticos, econômicos e sociais, estavam de um lado os EUA, com ações para conter a frente soviética, e de outro a URSS. Afinal, “no quadro da Guerra Fria, um amplo cordão sanitário⁶ foi criado pelo EUA com o objetivo de contenção da URSS...” (PAUTASSO, 2011, p. 53).

³ Conforme Sandra Rodrigues Braga, Nicholas Spykman afirmou em seu livro *America's Strategy in World Politics*, que o conceito de geopolítica está relacionado ao fato de que um dos principais objetivos dos Estados é o crescimento da posição relativa de poder no âmbito interno e externo, o que está diretamente ligado com aspectos geográficos, demográficos, econômicos, sociais, raciais, entre outros (BRAGA, 2011, p. 158).

⁴ *Geopolitics is important primarily as it affects economic interests [...]* (TRENIN, 2007, p. 95).

⁵ A teoria intersistêmica pode ser resumida em três proposições-núcleo: (a) a rivalidade leste-oeste foi um produto do conflito entre dois sistemas sociais distintos; (b) esta competição envolve uma dinâmica competitiva e universalizadora; e (c) somente poderia ser concluída com um dos blocos prevalecendo sobre o outro. O termo “sistema” não é usado aqui para indicar o “sistema internacional” em geral, como designado na teoria convencional das Rim bem a “Guerra Fria como sistema”, no sentido de um reforço mútuo característico dos internalistas, mas para indicar a organização interna das sociedades e políticas de cada bloco (HALLIDAY, 2007, p. 192).

⁶ Instrumento utilizado pelos EUA com a finalidade de isolar a URSS e sua ideologia comunista dos ideais capitalistas do ocidente.

Através da *Pax Americana*⁷, pós Segunda Guerra Mundial, os norte americanos moldaram uma nova ordem internacional e nesse contexto se posicionaram no sistema internacional:

A posição do capitalismo norte-americano no mundo só encontrava paralelo na do inglês da metade do século XIX. No plano político-militar, os EUA detinham vantagens talvez nunca obtidas por outra potência: dominavam os mares, possuíam bases aéreas e navais, além de exércitos, em todos continentes, bem como a bomba atômica e uma aviação estratégica capaz de atingir todas as áreas do planeta. Em termos financeiros e comerciais, o dólar impôs sua vontade ao conjunto do mundo capitalista a partir da Conferência de Bretton-Woods (1944) e da criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (VIZENTINI, 2004, p. 68).

Os objetivos de ambas as potências eram contraditórios, pois conforme Nye Jr.(2009, p. 159), “as metas do pós-guerra de Stálin eram as clássicas metas imperialistas russas...”. Por outro lado, conforme o autor, os objetivos americanos eram de contenção dos ideais expansionistas soviéticos. Dessa forma, é inevitável a busca pela maximização de poder, que possibilitado pelos eventos como revoluções industriais, reestruturações do sistema capitalista e a Revolução Soviética, tem como consequência a corrida armamentista, seja para fins de contenção ou de expansão:

[...] ao imediato pós-Segunda Guerra, quando o capitalismo foi reestruturado sob hegemonia norte-americana, o que anulou momentaneamente as rivalidades intercapitalistas e permitiu a atuação conjunta do sistema contra a URSS. A Revolução Soviética criara uma base industrial autônoma, capaz de permitir-lhe independência de ação e de fornecer recursos econômicos e militares às revoluções e ao nacionalismo na periferia. Daí a necessidade de conter não uma inexistente “exportação da revolução”, mas o apoio da URSS às revoluções e rivalidades espontaneamente surgidas no Terceiro Mundo. Pode-se dizer, nesse sentido, que a corrida armamentista – nuclear ou não – representa o regulador de um sistema internacional em transição e convulsionado por rupturas revolucionárias, regulador esse imposto pela economia dominante (VIZENTINI, 2004, p. 130).

⁷ Período pós Segunda Guerra Mundial, caracterizado pela hegemonia norte americana, sob aspecto econômico e militar.

A URSS se tratava de um dos principais *players* da economia internacional, com um poder militar digno de respeito e, além disso, possuía um potencial enorme no campo dos recursos energéticos (CASTELLS, 1999).

Passado algum tempo, na década de 80, frente ao poder norte-americano, a União Soviética, comandada por Mikhail Gorbachev, buscou implantar reformas ao comunismo através da ideia de *perestroika* (reestruturação econômica) e *glasnost* (transparência). Nesse contexto, Castells (1999) afirma que as reformas efetivadas por Gorbachev foram de cunho econômico e de modernização tecnológica, porém essas não eram as únicas deficiências da URSS. O autor complementa:

A *Perestroika* era composta, basicamente, de quatro dimensões distintas, mas que guardavam relação entre si: (a) desarmamento, desocupação da Europa Oriental pelo Império Soviético e fim da Guerra Fria; (b) reforma econômica; (c) concessão gradativa de liberdade à opinião pública, à mídia e a manifestações culturais (a famosa *glasnost*); e (d) a democratização e descentralização controlada do sistema político [...] (CASTELLS, 1999, p. 69).

Os reformadores econômicos buscavam vantagens do capitalismo, com empresas autônomas e economicamente viáveis, formando uma economia de mercado, porém sem abrir mão das proporcionadas pelo socialismo, se tratando da centralização do controle, formando uma economia de mercado Estatal (HOBBSAWN, 1994).

Além de ações internas que não surtiram efeitos positivos, é válido abordar a conjuntura internacional desfavorável ao socialismo, o que exerceu pressão sobre o sistema soviético: corrida armamentista, embargos econômicos e políticos e movimentos de guerrilha anticomunistas nos aliados da URSS (HALLIDAY, 2007).

A corrida armamentista entre EUA e URSS deixou evidente a superioridade norte-americana, possuindo liderança tecnológica, maior quantidade de armas, menor impacto das despesas sobre o PIB e também o desvio de recursos dentro da URSS, conjunto de fatores que fez com que o Estado soviético se visse obrigado a reduzir custos e também que não estava em igualdade nessa competição (HALLIDAY).

Conforme Nye Jr. (2000), a ideia de reestruturação do Estado soviético, entre fatores internos e externos, não foi possível devido à contrariedade dos burocratas do

topo, à democratização em nome da qual as pessoas começaram a abandonar os ideais soviéticos e também à sua política externa, a qual não julgava necessário construir o maior número de armas nucleares para a proteção e nem ter objetivos expansionistas.

Concomitante aos aspectos internos e externos que fragilizaram os soviéticos, o século XX traz transformações que acabaram por colaborar com o enfraquecimento da URSS:

O último quarto do século XX tem sido transformado pela transição do industrialismo para o informacionalismo e da sociedade industrial para a sociedade em rede, tanto para o capitalismo como para o estatismo[...]. Na União Soviética, essa transição exigiu medidas que abalaram os interesses da máquina burocrática do Estado [...] (CASTELLS, 1999, p. 27).

Da mesma forma em que a URSS foi desaparecendo, os ideais socialistas no leste europeu foram perdendo força à medida que as economias do leste iam entrando em crise, como Polônia e Hungria, Estados esses que após um novo arranjo político e econômico, apostaram no afastamento em relação a URSS (VIZENTINI, 1999). Nos países satélites da URSS, o sistema socialista não tinha mais credibilidade, nem mesmo por parte dos líderes, o que originou transições pacíficas e outras mais conturbadas. Essas transições de velhos regimes para os novos mostraram ao ocidente que as amarras com os soviéticos poderiam ser rompidas e aos poucos os precursores de movimentos de oposição foram formando lideranças (HOBSBAWN, 1994).

Na Polônia e Hungria, o declínio soviético era evidente, pois eram pontos vulneráveis no leste europeu, uma vez que a doutrina comunista era mantida a partir da intervenção dos soviéticos. No Estado polonês foram três fatores que levaram o líder comunista a abdicar do seu poder: a antipatia da população em relação ao comunismo e à Rússia; greves de operários; e a presença da Igreja Católica Romana (HOBSBAWN, 1994).

Havendo um declínio no âmbito interno, associado ao descrédito nos países do leste, tem-se como produto o declínio, evidenciando o fato de que a combinação da *Perestroika* com a *Glasnost* levou os soviéticos ao fracasso:

[..] O que levou a União Soviética com rapidez ao precipício foi a combinação de *glasnost*, que equivalia à desintegração de autoridade, com uma *perestroika* que equivalia à destruição dos velhos mecanismos que faziam a economia mundial funcionar, sem oferecer qualquer alternativa; e conseqüentemente o colapso cada vez mais dramático do padrão de vida dos cidadãos. [...] Como um gigantesco navio-tanque avariado aproximando-se dos recifes, uma União Soviética sem leme vagava assim para a destruição [...] (HOBSBAWN, 1994, p. 468-469).

Nesse momento os adeptos dos regimes comunistas se tornaram uma geração obsoleta, pois poucos de idade média tiveram contato com o comunismo nos tempos áureos em que vigorou (HOBSBAWN, 1994).

Somadas as ações ineficientes e equivocadas e a conjuntura interna e externa, a reestruturação e a abertura propostas por Gorbachev não tomaram os rumos almejados, e a URSS acabou por desaparecer em 1991. Conforme Vizontini (2004, p. 154), “a segunda superpotência, detentora de imensos recursos econômico-sociais e político-militares, desapareceu de forma insólita, deixando um vazio de poder, de forma relativamente pacífica”. Abria-se espaço para uma nova fase da história da Rússia, marcada por um perfil capitalista e pelo interesse em manter um papel influente no campo econômico e política no leste europeu.

2.2 Criação do Estado Nacional Russo

Após a desintegração da URSS, os países do leste foram se tornando independentes - momento esse em que os novos Estados aproveitaram para tomar posse das riquezas da desintegrada URSS localizadas em seus territórios (VIZENTINI, 2004). Tal fato fez com que quinze novos países surgissem⁸, sem aparato burocrático e estrutura administrativa, criando um quadro de deficiência acompanhado pela decadência soviética:

Alguns dos novos países jamais haviam existido anteriormente como Estados independentes; a maioria das jovens nações carecia de quadros tecno-burocráticos e estruturas político-administrativas para as novas tarefas de autogoverno. A economia da União, por sua vez já enfraquecida durante a “estagnação” e profundamente desorganizada pela *Perestroika*, conheceu, então, a fragmentação e a regressão absolutas que se seguiram às

⁸ Rússia, Ucrânia, Bielo-Rússia, Moldova, Estônia, Letônia, Lituânia, Armênia, Geórgia, Azerbaijão, Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Quirguistão e Tadjiquistão.

independências na maioria dos ramos da produção. Nos primeiros anos, esta chegou a recuar até 50% em relação ao período final da União Soviética, o qual já se havia caracterizado como uma performance medíocre [...] (VIZENTINI, 1999, p. 56).

Após a queda do governo socialista russo, sob o comando de Mikhail Gorbachev, assume o poder Boris Yeltsin, seguindo com medidas de cunho liberal. Segundo Reis (2007), as premissas liberais, tais como privatizações, sobrevalorização cambial, liberação total dos preços, combate ao déficit público e combate à inflação, trouxeram resultados muito ruins:

Os resultados avizinharam a Rússia do caos³. Índices explosivos de subemprego e desemprego, queda violenta no padrão de vida dos milhões que desempenhavam funções públicas e/ ou que dependiam de pensões, degradação dos serviços assegurados pelo Estado, concentração da renda (em poucos anos, os 10% mais ricos abocanharam cerca 40% da renda nacional), processo de privatização descontrolado, ensejando casos de corrupção que assombraram o mundo, tudo em benefício de uma nova classe de especuladores e rentistas, que se tornaram conhecidos como os *novos russos (novi ruskii)* (REIS, 2007, p. 52-53).

Durante a crise econômica de 1993, Yeltsin foi alvo da tentativa de *Impeachment* pelo parlamento russo, porém venceu as eleições, o que acabou por reforçar seu poder dentro do Estado russo. Anos depois, entre 1995 e 1996 os problemas internos e externos fizeram com que o presidente russo optasse por uma reorientação em seu governo, a fim de efetivar o fortalecimento da sua base política (PAUTASSO, 2011).

No plano interno é válido ressaltar a crescente participação das máfias russas no cenário político, uma vez que tinham o poder de influenciar redes internacionais através da grande movimentação de dinheiro oriundo do narcotráfico. A máfia conseguiu algo que os soviéticos não conseguiram, espalhar-se pelo mundo, atingindo o ocidente. Toda essa desorganização interna acabou por gerar corrupção, uma vez que os salários pagos pelo governo eram baixíssimos ou muitas vezes nem pagos eram (VIZENTINI, 1999). Esses grupos promoveram o tráfico de recursos naturais, materiais nucleares, armas, entre outros, recebendo tributos pagos pelos pequenos negócios (CASTELLS, 1999).

Assim como no âmbito interno, a Rússia teve sua capacidade de atuação nas relações internacionais abalada:

No plano internacional, o governo Yeltsin destruiu a capacidade de a Rússia defender seus interesses básicos. O recuo russo na participação do comércio exterior foi muito expressivo, inclusive em relação a parceiros tradicionais, reduzindo naturalmente a influência diplomática (PAUTASSO, 2011, p. 81).

Pautasso (2011) salienta a instabilidade do governo russo, que durante 1998 e 1999 teve quatro primeiros-ministros, o que se relaciona perfeitamente aos resultados do governo de Yeltsin:

Internamente o governo Yelstin foi marcado por profundos problemas em todas as esferas: estagnação e recuo do PIB, escalada inflacionária, crescente endividamento externo, pilhagem do patrimônio do Estado, instabilidade política, institucionalização das máfias, regressão dos indicadores sociais (PAUTASSO, 2011, p. 67).

Ainda nesse contexto, Bossen (2000) comenta que o cenário russo era de crise, com uma inflação perceptível, bancos indo à falência, escassez de produtos e dinheiro, bem como em muitos casos, o não pagamento de salários e benefícios sociais.

Entre momentos de instabilidade, estabilidades e movimentos de oposição, Yeltsin deixou o poder em 1999 após a crise financeira de 1998⁹ chegar à Rússia, bem como as guerrilhas no Cáucaso¹⁰. No ano de 2000, Vladimir Putin, já primeiro-

⁹ Em 1996 investidores que compraram ações de empresas russas triplicaram os valores, rendimento esse melhor que qualquer outro mercado de ações poderia pagar. Nesse cenário, instituições financeiras europeias começaram a comprar ações russas, bem como emprestar dinheiro às empresas e ao governo russo. Porém, há de se considerar que não foi levada em conta a situação econômica russa, em que o PIB e as exportações de óleo caíram mais de 40% desde 1991. Índices inflacionários atingiram altos níveis, comprovado pela comparação de que o que o poder de compra de 100 Rublos em 1990, demandava 1,6 milhões de Rublos para ter o mesmo poder de compra em 1999. O fato de que poucos russos pagavam impostos e os que pagavam, não pagavam o que realmente deviam, gerou déficits ao governo, buscando empréstimos novamente. Chegou-se em um momento em que os títulos começaram a vencer, porém não havia dinheiro para quitá-los, o que levou o governo a tentar renovar os títulos e emitir novos. Em agosto de 1998, o governo russo percebeu que não possuía mais Rublos e nem outras moedas conversíveis para quitar suas dívidas, fato esse que decretou sua falência (GOLDMAN, 2008, p. 75).

¹⁰ Os soviéticos possuíam campos de extração de petróleo no Cáucaso, especialmente na Chechênia, um país sem laços eslavos, mas sim, muçulmanos. Durante o período da dissolução da União das

ministro, é eleito presidente na Rússia, momento marcado por mudanças nas políticas internas e externas do país, priorizando a projeção de poder no sistema internacional num momento em que manter a integridade territorial era muito importante (PAUTASSO, 2011).

Agregando dados estatísticos, conforme Bossen (2000), Putin foi eleito com 52,94% dos votos, evidenciando a sua popularidade conquistada como primeiro-ministro e sua posição no conflito com a Chechênia, conflito em que houve o envio maciço de soldados russos orientados para combates violentos (REIS, 2007) . Estão atrelados ao resultado das eleições os efeitos positivos após Putin assumir como primeiro-ministro: a melhora econômica é ilustrada pelos índices de crescimento acima de 5%; salários e benefícios sociais começaram a ser pagos em dia; e correta alocação dos recursos que melhorou a situação fiscal do país (REIS, 2007).

Assim que eleito, Putin deixou claro que sua tolerância quanto às críticas seria baixa. Vladimir Guzinsky era dono da maior rede de TV privada da Rússia, a qual durante o governo de Yeltsin noticiou críticas severas em vários momentos. Com Putin no poder, a NTV noticiou críticas de suas ações somente uma vez, fato esse que, logo após o momento em que Putin se tornou presente, resultou na prisão de Guzinsky, sendo condenado por desvio de fundos de uma empresa em São Petesburgo. Logo após esse evento, Putin reuniu pessoas de influência e deixou transparecer para ficarem afastadas da política, sendo um aviso para evitar ações como no caso Guzinsky (GOLDMAN, 2008).

O governo russo buscou reafirmar a sua posição através do controle de redes de televisão, rádio e jornais. Programas políticos passaram a ser gravados, caso necessitasse alguma edição, porém a internet se tornou um meio sem restrições (ORTTUNG, 2008).

Repúblicas Socialistas Soviéticas, quatorze repúblicas tornaram-se independentes, porém Yeltsin decidiu que nenhum território mais desintegraria a República russa e então, ordenou que as tropas fossem para a Chechênia para terminar com uma revolução de cunho separatista que lá ocorria. Se o país tivesse se tornado independente, assim como ocorreu com a Geórgia, não haveria reclamações. Em 1999, após ataques terroristas de grupos chechenos, as tropas russas retornaram à Chechênia, e então, deu-se início à Segunda Guerra Chechena do século XX (GOLDMAN, 2008, p. 22, 55-56, 94, 172).

Findado o momento das eleições, começam a surgir questionamentos de como seria o plano de Putin para retomar o crescimento da economia russa – que já demonstra sinais de melhora devido à queda nas importações após a crise de 1998 -, resolver o problema da Chechênia e também quanto à estrutura do Estado, considerando Moscou e as demais unidades da Federação, governadas por lideranças regionais (BOSSÉN, 2000).

No momento que Putin assumiu, trouxe consigo a bagagem acumulada de suas experiências em outras jornadas na vida pública. Da KGB, trouxe os ideais de fidelidade e patriotismo, juntamente com pessoas de sua confiança. Do período em que trabalhou na Prefeitura de São Petesburgo, trouxe os ideais de reforma econômica liberal. Do Kremlin, Putin acumulou conhecimentos da área de administração e opinião pública. A partir dessas experiências e pessoas de confiança, aos poucos foi estruturando um governo baseado na confiança de pessoas próximas a fim de efetivar a ressurreição do Estado russo (MARKOV, 2008).

Dentre vários itens na sua agenda, o *modus operandi* do governo de Putin buscou a centralização e o controle, com o intuito de estabilizar o país e ter o setor energético estatizado, com as empresas Gazprom, Rosneft e Transneft. Goldman (2008, p. 99) relata o êxito de Putin em estatizar algumas empresas, pois em 2000 apenas 16% da produção de petróleo era do Estado, número que passou a 50% em 2007. Conforme Oliker et al. (2009), suas metas no primeiro momento eram os ajustes políticos, tais como a verticalização da política para concentrar o poder e formar um poder executivo forte, escolha de políticos para ocupar cargos e não através de eleições e ajustes no parlamento, conjunto esse que refletiu na melhoria nas tomadas de decisão.

No âmbito das estatizações promovidas por Putin é relevante citar o caso da Yukos¹¹, empresa de extração e comercialização de petróleo, que através de

¹¹ Yukos, empresa petrolífera, que enquanto estatal, foi dada em garantia a partir de empréstimos de um dos primeiros bancos privados da Rússia, o Menatep, pertencente a Mikhail Khodorkovsky e sócios. No momento em que o governo russo não cumpriu com suas dívidas, a Yukos foi a leilão, o qual foi forjado e a empresa comprada pelo Menatep por trezentos e cinquenta milhões de dólares americanos, o que lhe rendeu 88% do controle. No entanto, poucos meses depois, o valor de mercado da empresa era algo entre três e cinco milhões de dólares americanos, deixando evidente a manobra estratégica do grupo (GOLDMANN, 2008, p. 106-116). As prisões do CEO, Khodorkovsky, e executivos faz parte da intenção de Putin em remover oligarcas, que ganharam fortunas, do cenário político, seja de empresas petrolíferas ou não, deixando uma mensagem para os demais (OLCOTT, 2004, p. 11)

oligarcas russos, foi negociada a venda para corporações norte-americanas. Essas negociações representaram a possibilidade de grandes transações serem feitas sem a aprovação de Putin, que não apoiava o investimento estrangeiro na Rússia em larga escala, principalmente no setor energético. Khodorkovsky, CEO da Yukos, e executivos, foram acusados de roubos, fraudes, extorsão e falsificações, o que além de prisões, resultou no decreto de falência da Yukos pelo governo, a qual a partir da venda de ativos por baixos preços para a Rosneft¹² acabou sendo renacionalizada.

No âmbito da economia, buscava-se o investimento em infraestrutura e exploração de recursos energéticos, porém com objetivos de política externa e poder, além dos econômicos:

[...] a comercialização de energia não constituía um fim em si mesmo. Ela deveria servir a dois objetivos, um voltado ao plano interno, qual seja a implementação de reformas econômicas necessárias para que o país se desenvolvesse de modo efetivo e assim não ficasse refém de suas matérias primas e do instável mercado mundial de *commodities*; e outro direcionado ao plano internacional: retomar o poder perdido após o fim da Guerra Fria (ADAM, 2009, p. 6).

Uma grande mudança no campo energético a partir do governo de Putin é o fato de que a Gazprom, estatal da área de distribuição e comercialização de gás natural, passa a ser controlada pelo Estado russo, orientada para manter o monopólio da rede nacional de distribuição de gás natural e também da sua comercialização (GOLDMANN, 2008).

Visando estabelecer mudanças no aspecto econômico e diplomático, um dos itens que merece destaque, é o fato de ocorrer uma maior valorização e exploração do campo energético, onde a Gazprom – estatal no campo de exploração de gás natural – é vista como uma nova arma de diplomacia (HURST, 2010).

As alterações, visando crescimento e estabilização econômica, eram urgentes, pois conforme Goldman (2008), no momento em que Putin assumiu, procurou deixar evidente a situação do país, em que em contraste com a Era Soviética, agora se

¹² Rosneft, empresa de extração e comercialização de petróleo, a qual é controlada pelo governo russo.

tratava de um país que apresentava índices abaixo do país mais pobre da União Europeia.

Outro ponto destacado por Oliker et al. (2009) é o alinhamento das legislações regionais das 89 unidades constituintes com as federais, o que colaborou para o fortalecimento e supremacia do sistema de leis do Estado Russo. Ainda é citada pelos autores a preocupação em evitar o separatismo, sendo esse fator considerado como uma das principais ameaças para o Estado russo após o colapso da URSS.

O poder judiciário também foi alvo de mudanças, as quais começaram a ser implementadas a partir de 2001. O Ministério da Justiça passou a seguir a linha da presidência, se tornando menos independente e novos tribunais para favorecer o Estado foram criados, alterações que denotam a reestruturação do sistema judiciário em prol das prioridades do Estado (OLIKER et al., 2009).

Seguindo a ideia de promover mudanças nos mais variados setores do país, em 2007 Putin promoveu alterações no processo de eleição de parlamentares, em que não seria mais possível realizar votos individuais, mas sim votar no partido, que seria o responsável por organizar e reordenar os candidatos. Cabe também salientar que aos deputados que se opusessem às diretrizes de seus partidos, sofreriam penalidades severas (OLIKER et al., 2009). Os autores ainda citam que a partir das mudanças efetivadas, o parlamento se aproximou mais das diretrizes da presidência.

No âmbito político, Reis (2007), aponta que as medidas tomadas tiveram efeitos que reduziram a força dos movimentos de oposição, bem como a afirmação do atual governo através de um realinhamento de forças.

Nesse contexto, Strepetova (2000, p. 53) sintetiza os principais objetivos de Putin nos campos políticos e sociais após suas primeiras ações no início de seu mandato: “[...] o fortalecimento do papel do Estado em todos os campos da sociedade russa e o estabelecimento de uma ordem jurídica territorial no país, bem como um sistema de poder que funcione de maneira eficiente em todos os níveis”.

São inúmeras as mudanças propostas e efetivadas por Putin, tendo um caráter estratégico para atingir objetivos internos e externos, os quais trouxeram resultados positivos à Rússia, seja na política interna, externa ou em termos de economia. De

acordo com Oliner et al. (2009), o PIB per capita na Rússia passou de US\$1,312 em 1999 para US\$8,842 em 2007, situação essa que gera satisfação e orgulho por parte da população russa em relação ao novo Estado construído por Putin e suas ações para estabilidade e crescimento, impactando diretamente na sua popularidade:

A história da década de 1990 explica parcialmente a popularidade de Putin e a vontade dos russos em aceitar o aumento das restrições à liberdade-e, talvez o mais importante, à liberdade daqueles que buscam criticar e talvez remover o poder o regime que trouxe estabilidade comparativa. Embora a década de 1990 seja tida no ocidente como a década em que a Rússia era mais liberal, a maioria dos russos lembram a década como o período do caos e extrema insegurança econômica. A inflação estava alta, os crimes dispararam e os criminosos ficaram impunes. Os meios de comunicação eram livres para relatar o que quisessem, mas havia poucos controles para garantir precisão. O período também testemunhou assassinatos de jornalistas por grupos criminosos organizados, insurgentes chechenos e outros. Havia muitos partidos políticos, mas eram fracos e primitivos e representavam poucos em termos de política, ideologia ou pontos de vista dos cidadãos russos. O governo foi amplamente visto como incompetente e venal (OLIKER et al., 2009, p. 20, tradução do autor).¹³

Putin está no poder desde 1999, período esse que foi suficiente para ocasionar um salto no PIB russo, que conforme dados do Banco Mundial (2015), passou de US\$259,71 bilhões para US\$2,079 trilhões, um crescimento de 700,51%. Conforme já destacado, Vladimir foi o precursor de várias alterações nos mais variados setores da Rússia, criando um marco na história, quando comparado a década de 1990, período já descrito:

Desdobrou-se, desde então, e perdura até hoje, o que uma certa mídia chama de *era Putin*[...]. O aspecto principal é a restauração do poder de intervenção e de controle do Estado[...]. O Estado recuperou dois de seus atributos, essenciais[...]: a capacidade de arrecadar impostos e de monopolizar o uso da força armada[...]. Todo esse processo de (re)afirmação do Estado projetou-se para as relações internacionais: com as nações fronteiriças, ex-Repúblicas Soviéticas, com as quais a Rússia sempre

¹³ *Although the 1990s are usually held up in the West as the period when Russia was freest, most Russians remember the decade as a time of chaos and extreme economic insecurity. Inflation was high, violent crime skyrocketed, and criminals went unpunished. Media outlets were free to report as they wished, but there were few controls to ensure accuracy. The period also witnessed numerous murders of journalists by organized criminals, Chechen insurgents, and others. There were many political parties, but they were weak and inchoate and they represented little in the way of policy, ideology, or the views of Russian citizens. The government was broadly viewed as incompetent and venal (OLIKER et al., 2009, p. 20)*

manteve laços de interdependência estreitos, com a Europa e com o resto do mundo (REIS, 2007, p. 57-58).

2.3 Conclusões preliminares

Ao final da Guerra Fria, a URSS vai desaparecendo do cenário internacional, abalada pelos sucessivos fracassos internos, os quais refletiram no sua projeção de poder nas relações internacionais. A *Glasnost* e a *Perestroika* inseridas por Gorbachev não surtiram os efeitos esperados, e acabaram resultando na degradação dos indicadores econômicos e sociais e no descrédito das bases do regime soviético por parte dos países pertencentes à URSS. Aos poucos, os países vão se tornando independentes, deixando para trás diretrizes socialistas que um dia fizeram parte de suas estruturas políticas, econômicas, sociais e militares.

Durante a transição entre URSS e a Era Putin, tem-se o período de Yeltsin, o qual baseado em ações de cunho realista leva à Rússia ao caos, ocasionando o declínio do PIB e de indicadores sociais, ao passo que as máfias vão tomando o poder. Após a crise de 1998 reafirmar a má situação de Yeltsin, o presidente russo cede o lugar à Vladimir Putin.

A chamada Era Putin contempla o conjunto de transformações que visou reascender o sentimento nacionalista, bem como a posição de Estado forte. Para isso foram realizadas alterações políticas, econômicas e diplomáticas, as quais buscaram ir ao encontro do reposicionamento russo no sistema internacional, que foi abalado após a Guerra Fria, se tratando de um dos principais itens da agenda de Vladimir Putin.

Uma das mais perceptíveis alterações efetivadas por Putin é referente ao setor energético, o qual foi visto como potencial econômico e diplomático, capaz de reafirmar a Rússia como um *player* poderoso no sistema internacional. Todas as transformações que caracterizam o período de Putin como a Era Putin são partes do plano estratégico para atingir os objetivos propostos nas diretrizes do Estado russo, conforme já descrito. É nesse cenário que está a Gazprom, gigante estatal, em que Hurst (2010, p. 61) se refere como uma “Jóia na coroa”, a qual a partir de estratégias ganhou uma nova vida para assegurar o objetivo do Estado russo em ter o controle do setor energético.

3 GRUPO GAZPROM

O presente capítulo buscar trazer informações econômicas e estruturais quanto a Gazprom, potencial produtora, distribuidora e vendedora de gás natural. Tem-se como objetivo caracterizar a empresa, bem como a sua reestatização promovida no governo Putin até a sua consolidação no mercado, se tornando o principal agente nacional de exploração, distribuição e comercialização. É nesse momento que a estatal ganha grande participação no mercado mundial, sendo que um mercado consumidor de destaque é o europeu, indo ao encontro da estratégia do governo Putin em explorar os recursos energéticos.

3.1 A Gazprom

O Grupo Gazprom é uma grande corporação do setor energético russo, sendo a única que tem permissão para exportar gás natural, de acordo com a Lei sobre as exportações de gás (POUSSENKOVA, 2009). O foco dos seus negócios é a exploração, produção, armazenagem e distribuição de gás natural, gás condensado e óleo (Figura 1).

Figura 1 – Participação da Gazprom nas reservas nacionais e internacionais de gás natural e participação na produção global e nacional de gás natural.



Fonte: Gazprom, 2014, texto digital.

No setor do gás natural, a empresa detém as maiores reservas do mundo, que de acordo com a Figura 1, representam 17% a nível mundial e 72% a nível nacional. Quanto à produção, a fatia que cabe a Gazprom corresponde a 13% da produção mundial e 73% da produção nacional, realizando a distribuição desse volume através de redes de distribuição. Atualmente, o controle da empresa pertence ao Estado, o qual possui 50,23% das ações (GAZPROM, 2014, texto digital).

O potencial de exploração e domínio da Gazprom é consequência da estrutura de gasodutos e campos de exploração da era soviética, a qual é controlada e mantida pela estatal. Os campos de exploração que não interessam para a companhia são explorados pelos produtores independentes (POUSSENKOVA, 2009).

A partir da ideia de aumentar o potencial da companhia, em 2005 e 2006 a Gazprom fez importantes aquisições, comprando a Sibneft e suas subsidiárias e tornando-se a maior acionista no projeto Sakhalin-2¹⁴, movimentos esses que abriram caminhos para a exploração de gás natural, uma vez que havia conexão para licenças de exploração em locais potenciais (POUSSENKOVA, 2008)

Nesse contexto, fica evidente a grande participação russa no mercado interno e externo de recursos energéticos. E, no momento que a Gazprom detém os meios de distribuição, tem controle sobre um ponto chave para um país produtor e exportador de gás natural (SIMMONS, MURRAY, 2007).

¹⁴ Projeto desenvolvido em Sakhalin, ilha russa localizada ao norte do Japão com condições climáticas extremas. O local, com potencial em fontes energéticas, foi explorado através de acordos com empresas estrangeiras, porém com a participação da Gazprom (GOLDMANN, 2008).

Quanto ao controle da estatal, ainda de acordo com o site da Gazprom, é acompanhado de perto pelo conselho administrativo, o qual conta com onze executivos (eleitos pelos acionistas), que aprovam ou não ações, orçamentos, decisões, realizam planejamentos e participam da reunião anual com os acionistas da empresa, a partir da qual é redigido o relatório anual de desempenho.

3.2 Sistema de distribuição

A distribuição do gás é feita através do Sistema de Abastecimento Unificado de Gás (UGSS):

O UGSS é o maior sistema de transmissão de gás do mundo e representa uma complexa engenharia única, englobando produção de gás, processamento, transmissão, armazenamento e distribuição. O sistema garante o fornecimento contínuo de gás a partir da cabeça do poço até o consumidor final” (GAZPROM, 2014, texto digital, tradução do autor)¹⁵.

De acordo com o *site* da empresa, a rede de distribuição conta com 168,90 mil quilômetros de extensão, que através de controles centralizados e ramificações, garante o fluxo do gás desde os poços até os consumidores.

O UGSS pertence à Gazprom, o que tem como consequência a posição dominante da companhia, uma vez que toda rede de distribuição é controlada pela estatal (POUSSENKOVA, 2009). Através dessa rede, a Gazprom estabelece uma política econômica para comprar gás a preços baixos e exerce influência sobre os produtores independentes do país, pois precisam do sistema de distribuição para escoar o gás:

¹⁵ *The UGSS is the world's largest gas transmission system and represents a unique engineering complex encompassing gas production, processing, transmission, storage and distribution facilities. It assures continuous gas supply from the wellhead to the ultimate consumer (GAZPROM, 2014, texto digital).*

[...] Em 1995 o governo russo autorizou os produtores independentes a venderem o gás para os consumidores a preço de mercado. Porém, eles não tinham acesso à rede de distribuição da Gazprom – USGS, o que significava que eles não estavam aptos a transportar a sua energia, ou foram forçados a vender o gás para a Gazprom a preços domésticos baixos, enquanto que a Gazprom o revendia a preços altos de exportação (POUSSENKOVA, 2009, p. 6, tradução do autor)¹⁶.

Algumas das rotas do sistema passam por outros países, principalmente os pertencentes à Comunidade dos Estados Independentes (CEI)¹⁷. Quanto a esse cenário, Heinrich (2006) declara que a Rússia procurou desde a década de 1990 exercer controle sobre os gasodutos que passam por esses países através de transnacionais de liderança russa. Ainda de acordo com o autor, a partir da geração de débitos, a Gazprom foi adquirindo maior participação nas empresas:

O fornecimento de energia negociado pelo governo russo, e o crédito russo para financiá-los, também servem para integrar a indústria de gás natural dos países da CEI. Os débitos do Estado comprador, que são acelerados pela forma de financiamento, são aproveitados para a aquisição de ações da companhia de energia do respectivo país (HEINRICH, 2006, p. 2, tradução do autor)¹⁸.

Como previamente citado, muitas das rotas de distribuição de gás natural passam por países terceiros, fato esse que entrou na agenda da empresa, a qual através do seu monopólio procurou a execução de projetos com rotas alternativas, evitando a distribuição por rotas com passagem por territórios de países terceiros. Um dos projetos é o *Nord Stream*, o qual busca conectar a Rússia à Alemanha, facilitando a distribuição de gás natural. O cancelamento do projeto Yamal II, que seria construído paralelamente ao Yamal I (ver figura 9 da página 48) visa evitar o trânsito em países terceiros. (GODZIMIRSKI, 2009).

¹⁶ *In 1995, the Russian government allowed the independents to sell their gas to consumers at free market prices. But they either did not get access to the Gazprom-owned USGS, which meant they were not able to transport their energy, or were forced to sell their gas to Gazprom at very low domestic prices, while Gazprom later resold this gas at much higher export prices* (POUSSENKOVA, 2009, p. 6)

¹⁷ Os participantes são: Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão, sendo Estados participantes e Ucrânia como Estado associado.

¹⁸ [...] *Energy deliveries negotiated by state officials, and Russian credits to finance them, also serve to integrate the natural gas industries of the CIS countries. The debts of the buyer states, which are further accelerated by this form of financing, are leveraged for the acquisition of company shares in the respective country's energy sector* (HEINRICH, 2006, p. 2)

Todos os projetos envolvendo rotas alternativas faziam parte da estratégia de Putin em desviar países que poderiam em alguma hipótese causar problemas na distribuição de gás natural aos consumidores:

[...] Para o Presidente Putin, que é considerado o principal condutor em relação às decisões-chave da Gazprom, ele confirmou seu ponto de vista que a Rússia precisava continuar sua tática de remoção do risco de trânsito em território ucraniano, já iniciada com a construção do gasoduto Yamal Europa, o gasoduto Blue Stream conectando à Turquia e os planos para a linha Nord Stream através do Mar Báltico [...], para finalmente libertar a Rússia de sua dependência em um vizinho potencialmente perturbador (HENDERSON, 2015, p. 3, tradução do autor)¹⁹.

O projeto *Nord Stream* (ver figura 2 da página 32) surgiu a partir da estratégia de desviar países problemáticos e se aproximar com o mercado consumidor do ocidente. O projeto consistiu em construir um gasoduto sob o Mar Báltico, que conectasse a Rússia à Alemanha, entregando o gás sem intermédio de outros países (OLIKER et al., 2009). A construção do gasoduto se deu a partir do trabalho em conjunto dos alemães e russos, que através do consórcio entre a Gazprom (51%) e duas empresas alemãs (24,5% cada uma) (GOLDMANN, 2008), resultou em dois gasodutos com extensão de 1.224 quilômetros cada (Figura 2). Até o final de 2012, os dois gasodutos estavam operando, resultando em uma capacidade de transportar 55 BCM (*billion cubic metres*)²⁰ por ano (NORD STREAM, 2015, texto digital).

¹⁹ [...] For President Putin, who is widely regarded as the primary driver behind Gazprom's key decisions, it confirmed his view that Russia needed to continue its tactic of removing Ukrainian transit risk, already started via building the Yamal Europe pipeline, the Blue Stream pipeline to Turkey and the plans for the Nord Stream line across the Baltic Sea [...], to finally free Russia of its reliance on a potentially disruptive neighbour (HENDERSON, 2015, p. 3)

²⁰ Bilhões de metros cúbicos.

Figura 2 – Rota do Projeto Nord Stream



Fonte: Nordstream, 2015, texto digital

Outro projeto construído a partir da ideia de evitar o trânsito em países que pudessem causar problemas é o *Blue Stream*, o qual consiste em um gasoduto com 1.213 quilômetros e capacidade de dezesseis bcm de gás ao ano, conectando a Rússia à Turquia (Figura 3). As primeiras distribuições de gás ocorreram em 2003 (GAZPROM, 2015, texto digital). Outro objetivo desse projeto foi parte da tática de Putin em evitar a construção de outro gasoduto, o NABUCCO, o qual transportaria gás do Mar Cáspio, Turcomenistão, Uzbequistão e Cazaquistão com o objetivo de reduzir a dependência europeia do gás natural proveniente da Rússia (GOLDMANN, 2008).

Figura 3 – Rota do gasoduto *Blue Stream*



Fonte: Gazprom, 2015, texto digital.

A fim de concretizar seus projetos, a Gazprom teve que lidar com as pressões contrárias à aproximação russa com o oeste europeu. Para contornar essa situação, realizou negociações bilaterais com países europeus, oferecendo contratos de longo prazo, gás a baixos preços e reforçando a ideia de que a Rússia possuía o gás necessário para o abastecimento, não gerando riscos de falhas no abastecimento devido a projetos não concretizados (GOLDMANN, 2008).

Na Figura 4 é possível perceber a ramificada rede de distribuição de gás do Grupo Gazprom, a qual possui rotas que levam aos principais mercados consumidores de gás, contemplando os projetos mencionados acima como parte integrante do Sistema de Abastecimento Unificado de Gás, conectados principalmente ao mercado europeu.

Figura 4 – Sistema de Abastecimento Unificado de Gás (UGSS)



Fonte: Gazprom, 2014, texto digital.

Toda a extensão da rede de distribuição é controlada e possui manutenção preventiva, havendo indicadores de desempenho tanto para as manutenções e vistorias efetuadas quanto para as falhas no sistema (Figura 5). Através de controles de manutenção, o Grupo Gazprom está tendo uma melhora notável na redução de falhas no sistema, vide figura 5, o que garante a entrega e armazenagem de forma eficaz.

Figura 5 – Falhas no sistema de distribuição por 1.000 quilômetros



Fonte: Gazprom, 2014, texto digital.

Na posição de detentora dos meios de distribuição de gás, bem como a preservação do sistema, a Gazprom faz uso de seus recursos para controlar o setor doméstico de gás natural, bem como um meio de estabelecer relações econômicas com outros países e atingir objetivos geopolíticos do Estado russo (POUSSENKOVA, 2009).

3.3 Retomando o controle

Em 1989, o Ministério da Indústria da URSS foi reestruturado em corporações, sendo que uma delas é a Gazprom, a gigante estatal sediada em Moscou. Quanto ao gás natural, a empresa é orientada para a produção, armazenagem e distribuição de gás natural, tanto na esfera nacional, quanto internacional. A estatal faz parte da estratégia de Putin para obter ganhos econômicos e de poder na esfera interna e externa. Antes de ser eleito presidente, conforme tradução de Thomas Fennel (2008, texto digital) do *site The Atlantic*, do artigo *Mineral and raw materials resources and the development strategy for the russian economy*, Putin já havia deixado evidente a importância para o Estado e o seu interesse pelos recursos naturais, usando-os de forma a obter segurança econômica:

O desenvolvimento sustentável da economia da Rússia nos próximos anos deverá ser baseado em um crescimento ordenado de seus componentes, e em primeiro lugar, devido ao potencial de recursos minerais e matérias primas. Além disso, o desenvolvimento sustentável, uma vez que se aplica aos minerais e matérias primas deve ser entendido como garantia de segurança econômica para o país, através da criação de uma base mineral e de matérias primas confiável para satisfazer as necessidades atuais da economia russa, levando em conta os aspectos ecológicos, sociais, demográficos, de defesa e de outros fatores (THE ATLANTIC, 2008, texto digital, tradução do autor)²¹.

Durante a década de 1990, a Gazprom apresentou altos e baixos, seguindo o ritmo da economia russa, com críticas quanto aos gastos e dados não fidedignos dos resultados financeiros (GOLDMAN). Conforme já abordado, durante a década de 1990, a Rússia apresentou um quadro generalizado de crise, fator esse que pode ser percebido também na Gazprom. Conforme Mitrova (2008), a empresa apresentou declínio na produção, cenário esse que foi revertido somente no final da década, quando de fato houve a transição do período soviético, transformando a empresa num dos principais *players* do mercado internacional.

Ainda quanto ao período de transição da Gazprom, Hurst (2010) declara que o cenário mudou a partir do momento em que Vladimir Putin assumiu o poder em 2000, alterando o quadro de liderança da Gazprom, com a inserção de Alexei Miller e Dmitrii Medvedev²². Após esses movimentos, colocou em prática todas as ações para dar uma nova vida à empresa, e com isso, estabelecendo um elo de comunicação entre o governo e a empresa, com o objetivo de controlar todos os passos da gigante produtora de gás natural.

Quanto à aproximação entre as empresas e o governo, Godzimirski (2009) traça um comparativo entre o período de Yelstin e de Putin, o que se aplica também à Gazprom:

²¹ *The sustainable development of Russia's economy in the upcoming years should be based upon orderly growth of its component parts and first of all due to the potential of mineral and raw materials resources. Moreover, sustainable development as it applies to minerals and raw materials is to be understood as the guaranteed provision of economic security to the country through the creation of a reliable mineral and raw materials base for satisfying the current and expected needs of the Russian economy taking into account the ecological, social, demographic, defense and other factors* (THE ATLANTIC, 2008, texto digital).

²² Tanto Miller quanto Medvedev trabalharam juntos com Putin no momento em que era vice-governador de São Petesburgo (GOLDAMANN, 2008, p. 227).

[...] Enquanto Yeltsin nomeou magnatas russos para vários cargos no governo russo, durante o mandato de Putin, funcionários do Estado assumiram posições-chave nas estrategicamente importantes empresas russas. Putin delegou seus assessores próximos e aliados para conduzir as mais importantes tarefas no setor energético russo, enviando Alexei Miller e Dmitrii Medvedev para a Gazprom [...] (GODZIMIRSKI, 2009, p. 2, tradução do autor).²³

Seguindo a onda de privatizações no governo de Yeltsin, a Gazprom tinha vários acionistas, sendo o Estado russo o maior acionista do grupo, porém, não tinha cotas necessárias para obter o controle da empresa, o que ia contra aos ideais de Putin. Dessa forma, em 2005, através da compra de 10,74% das ações da Gazprom, o Estado russo passou a ter o controle da empresa, com 50,002% das cotas (GOLDMAN, 2008).

3.4 Conclusões Preliminares

A estratégia de Putin em maximizar ganhos econômicos e diplomáticos a partir de recursos energéticos ganhou força com o controle da Gazprom. A empresa, antes embalada pelo contexto de crise que acompanhou a Rússia na década de 1990, passou a ser uma forte arma controlada pelo governo russo a fim de estreitar as relações entre os objetivos políticos e econômicos da Rússia. A partir de uma posição de destaque na produção e comercialização internacional de gás natural, a Gazprom solidificou-se no mercado internacional.

Grande parte da infraestrutura da gigante produtora de gás natural é herança do período soviético, porém, a partir da intensificação de projetos como o *Nord Stream* e o *Blue Stream*, houve um aumento na sua rede de distribuição, fato que gerou uma aproximação com o ocidente. Os projetos visavam estreitar laços com o ocidente, uma vez que eram realizados a partir de consórcios entre empresas russas e europeias, bem como desviar países problemáticos, como a Ucrânia, por onde circulavam os antigos gasodutos do período soviético.

²³ [...] *While Yeltsin appointed many Russian tycoons to various positions in the Russian government, during Putin's tenure, state officials took over key positions in strategically-important Russian enterprises. Putin delegated his close aides and allies to manage the most important jobs in the Russian energy sector, sending Alexei Miller and Dmitrii Medvedev to Gazprom [...]* (GODZIMIRSKI, 2009, p. 2).

Contando com 168,90 mil quilômetros de extensão, a rede de distribuição da Gazprom é uma poderosa arma para atingir fins econômicos e geopolíticos, e é responsável pela entrega de uma enorme quantidade de gás natural para os países europeus. A partir dessa relação de dependência, Putin visualizou uma oportunidade em maximizar o capital a partir da intensificação de relações comerciais com a Europa, realizando negociações bilaterais e criando *Joint Ventures* com empresas europeias.

4 RELAÇÃO RÚSSIA-EUROPA E A POLÍTICA COMERCIAL DO GÁS NATURAL

Tendo em vista a importância da Gazprom nas relações políticas e econômicas entre Rússia e Europa, busca-se neste capítulo a análise da política comercial russa para ingressar no mercado energético europeu. A Rússia, sob comando de Vladimir Putin, buscou maximizar ganhos diplomáticos e econômicos através de estratégias comerciais e de inserção nos mercados consumidores europeus. As relações econômicas através do gás natural entre Rússia e Europa se caracterizaram como propulsores para o desenvolvimento russo, criando uma dependência energética do mercado europeu em relação à Gazprom e elevando as receitas. Uma vez que a dependência se configurou, cria-se um elo muito forte entre produtor e consumidor, um dos objetivos de Putin.

4.1 As relações com a Europa

Durante muito tempo a Rússia teve seus ganhos econômicos baseados na exploração e comercialização do petróleo. Após os anos 2000 os preços do barril atingiram o dobro (US\$33,00 por barril). O que também colaborou foi a recuperação da crise de 1998, e mais ainda o grande aumento na demanda de petróleo e gás natural na China e na Índia (GOLDMAN, 2008). Nesse contexto o autor cita:

Enquanto as exportações de petróleo geraram uma nevasca de dinheiro que fez a Rússia ficar rica e permitiu pagar a maior parte da sua dívida externa, foi o gás natural e o controle monopolista dos gasodutos que transportam o gás para o Oeste que transformaram a Rússia de um caso de caridade

essencialmente falido em uma superpotência energética robusta com uma força política restaurada (GOLDMAN, 2008, p. 136, tradução do autor).²⁴

Através da ampliação da rede de gasodutos, os russos criaram um cordão umbilical com os mercados consumidores do ocidente, criando uma relação de dependência:

Não importa quais os tipos de precauções são tomadas, uma parada no fluxo das exportações de gás com duração de poucos dias, inevitavelmente é perturbadora. Como consequência, uma vez que fabricantes e famílias começam a incorporar o gás importado em suas rotinas diárias, eles estão à mercê do exportador. Isso é quase certo que tem ramificações políticas. Líderes ocidentais teriam que pensar duas vezes antes de resistir às demandas políticas do fornecedor (GOLDMAN, 2008, p. 138, tradução do autor)²⁵.

O uso dos recursos econômicos como potencial gerador de crescimento econômico fez com que a Rússia tivesse um aumento no seu prestígio internacional. As exportações de gás para a Europa também ajudaram a Rússia a figurar como um grande ator global, fazendo parte da base da política externa russa, conforme Charles Wilson descreveu “O que é bom para a Gazprom, é bom para a Rússia” (OLIKER et al., 2009, p. 90, tradução do autor)²⁶, indo ao encontro do fato de que “os gasodutos são essenciais para a expansão da política econômica da Rússia” (TRENIN, 2007, p. 99, tradução do autor)²⁷. Através dessa imagem renovada no contexto internacional, que “[...]o nível de preocupação é ampliado devido a sua crucial importância como o grande *player* no mercado mundial do gás natural” (SIMMONS; MURRAY, 2007, p.3, tradução do autor)²⁸.

²⁴ *While its petroleum exports have generated the cash blizzard that has made Russia rich and allowed it to repay most of its foreign state debt, its natural gas and monopoly control of the gas pipelines that transport the gas to the West have transformed Russia from an anemic and essentially bankrupt charity case into a robust energy superpower with restored political muscle* (GOLDMAN, 2008, p. 77).

²⁵ *No matter what kinds of precautions are taken, a halt in the flow of natural gas exports that lasts more than a few days inevitably is disruptive. As a consequence, once manufacturers and households begin to incorporate imported natural gas into their daily work and living routines they are at the mercy of the exporter. That is almost certain to have political ramifications. Western leaders would have to think twice before resisting the political demands of the supplier* (GOLDMAN, 2008, p. 138).

²⁶ *What's good for Gazprom is good for Russia* (OLIKER et al., 2009, p. 90).

²⁷ *Pipelines are essential to Russia's policy of economic expansion* (TRENIN, 2007, p. 99).

²⁸ *[...] the level of concern is amplified because of its crucial importance as the largest player in the world's gas markets* (SIMMONS; MURRAY, 2007, p. 3).

4.2 Ingressando no mercado energético europeu

A porta de entrada para o mercado europeu no fornecimento de gás natural foi a Alemanha, que numa busca pela redução na dependência energética de carvão e petróleo acabou fazendo uso da proximidade física da URSS para importar gás natural, pois eram mais resistentes quanto a recursos energéticos nucleares (GOLDMAN, 2008).

A Agência Internacional de Energia (IEA) juntamente com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e com o Comitê Organizador de Controle Multilateral de Exportações formaram um fórum para discutir esse projeto (MARTIN; HARRJE, 2005), pois havia partes contrárias:

[...] os Estados Unidos insistiram para que os europeus não comprassem equipamentos para o longo gasoduto conectando os campos siberianos ao ocidente europeu. Os americanos estavam preocupados que os soviéticos poderiam monopolizar o mercado do gás natural do ocidente europeu e queriam reprimir os fortes ganhos da moeda soviética, que estavam sendo significativamente impulsionados pelas receitas da exportação do gás natural (MARTIN, HARRJE, 2005, p. 103, tradução do autor)²⁹.

Com o objetivo de uma presença mais forte no mercado europeu, de acordo com Mitrova (2008), em 1990, através da criação de uma *joint venture* entre a Gazprom e a alemã *Wintershall* – empresa do mercado energético –, foram criadas duas empresas, a *Wingas*, responsável pelo transporte dutoviário e a *WIEH*, responsável pelo comércio e introdução no mercado europeu. Seguindo esse caminho, a Gazprom passou a vender o seu gás natural diretamente aos consumidores, gerando um lucro muito maior do que simplesmente levar o gás até a fronteira. E dessa forma, a Rússia continuou expandindo a Gazprom através de *joint ventures* em outros países, marcando sua presença no continente europeu.

²⁹ [...] the United States insisted that Europeans not buy pipeline equipment for the long natural gas pipeline connecting the Siberian fields to Western Europe. The Americans were concerned that the Soviets could monopolize the Western European natural gas market and wanted to constrain Soviet hard currency earnings, which were being boosted significantly by natural gas export revenues (MARTIN, HARRJE, 2005, p. 103).

Quanto à criação de *Joint Ventures*, a Gazprom busca camuflar suas operações no exterior devido à resistência que encontra ao realizar investimentos ou então para evitar a alta cobrança de impostos, pois houve casos em que seus investimentos encontraram oposição. A empresa busca realizar essas parcerias nas áreas de armazenagem e distribuição de energia (HEINRICH, 2008).

Conforme já abordado, a penetração no mercado europeu por parte da Gazprom se deu através das exportações de gás natural e criação de *joint ventures*, porém os europeus sabiam que a dependência energética traria riscos. Dessa forma, ficou acordado o limite em 30% do uso do gás natural russo no consumo total, porém algo que logo foi esquecido (GOLDMAN, 2008).

Almejando reforçar sua presença nos países europeus, a partir de 1999 a empresa passou a apoiar o futebol na Rússia através da concessão de patrocínio ao Zenit São Petesburgo e futuramente a outros países europeus (FUTBOLGRAD, 2014, texto digital). Ainda conforme a página eletrônica FUTBOLGRAD (2014, texto digital), os incentivos ao Zenit eram de caráter estratégico:

O clube iria servir como uma plataforma de publicidade, que se tornaria o novo centro de uma campanha de imagem do futebol global com o objetivo de introduzir a Gazprom e a Rússia sob uma nova luz, progressiva para o oeste (FUTBOLGRAD, 2014, texto digital, tradução do autor)³⁰.

Seguindo a estratégia de ingressar no futebol europeu, a Gazprom e um dos maiores protagonistas do futebol alemão, Schalke 04, chegaram a um acordo para 2007, em que dependendo do desempenho na temporada, poderia movimentar mais de 100 milhões de euros para os cofres do time alemão, caracterizando-se como o acordo mais volumoso do futebol daquele país (DEUTSCHE WELLE, 2006, texto digital).

Em 2010, a Gazprom firmou patrocínio de três anos com a UEFA *Champions League* e UEFA *Super Cup*. Dessa forma, a empresa se tornou um dos

³⁰ *The club would serve as an advertising platform that would become the new centre of a global football image campaign with the goal of introducing Gazprom and Russia in a new, progressive light to the West.* (FUTBOLGRAD, 2014, texto digital)

patrocinadores da competição em que disputam os principais times europeus (SPORTSPROMEDIA, texto digital, 2012). No futebol inglês o escolhido foi o Chelsea F.C, que em 2012 se tornou parceiro da Gazprom, num acordo que inclui fornecimento de energia (FUTBOLGRAD, 2014, texto digital).

Ao fazer uso de acordos energéticos e patrocínio com clubes de futebol e organizações europeias, a Gazprom busca, além de promover sua imagem, “[...] espalhar seus tentáculos nos processos de tomada de decisão” (FUTBOLGRAD, 2014, texto digital, tradução nossa)³¹.

4.3 As exportações do gás natural

O mercado europeu é um potencial consumidor do gás natural russo. De acordo com Mitrova (2008), a Europa Ocidental é maior mercado, pois em torno de um terço das importações de gás é oriundo das operações da Gazprom. Ainda conforme a autora, a Gazprom faz uso, normalmente, de contratos de longo prazo no fornecimento de gás, como por exemplo, em 2006 e 2007, momento em que uma série de contratos foram renovados por 20 a 25 anos com parceiros europeus (MITROVA, 2008).

As negociações a respeito do fornecimento de gás natural para a Europa são feitas individualmente e bilateralmente, ou seja, não há um consenso entre os membros da União Europeia a respeito do fornecimento, o que reduz o poder de influência europeu (PEROVIC, 2008).

De acordo com Heinrich (2008), a Gazprom procurou fixar subsidiárias em quase todos os países importadores de gás natural, bem como buscou acesso direto à base industrial, ações essas de caráter estratégico:

Essas ações representam tentativas na busca de mercado (participação no mercado europeu de distribuição de energia) bem como ativos estratégicos ou busca de capacidade – principalmente na Europa Central e antiga União Soviética – a fim de manter influência e controle sobre rotas de trânsito. Para impedir os parceiros de envolvimento em comportamento oportunista, a Gazprom está se esforçando em manter o controle através da participação

³¹ [...] *spread its tentacles into the decision making processes.* (FUTBOLGRAD, 2014, texto digital)

majoritária em vez de agir como um mero investidor com fins lucrativos. A empresa certamente queria aproveitar a oportunidade para entrar no mercado liberalizado da União Europeia (HEINRICH, 2008, p. 8, tradução do autor)³².

Dada a grande importância para a Rússia do mercado consumidor europeu, a Ucrânia – país de trânsito de gasodutos -, não se configurou mais como rota principal após o acontecimento de 2006³³. A Gazprom investiu em projetos para a construção de gasodutos que levassem o gás diretamente aos países da Europa ocidental, como *Yamal*, *Nord Stream* e *Blue Stream*, conforme abordado no capítulo dois (HENDERSON, 2015).

Conforme previamente abordado, foi a partir dos anos 2000, com a entrada de Vladimir Putin no governo russo, que o gás natural ganhou uma política comercial mais agressiva, visando obter ganhos econômicos e de poder (ADAM, 2009, p. 6). Foi nesse período que passos em direção à liberalização do mercado europeu foram dados, o que garantiu à Gazprom o acesso ao mercado europeu (HEINRICH, 2008).

Através da Figura 6 é possível perceber a evolução em termos de exportações de gás natural a partir de 2000. Houve um aumento de 23,94% no volume até 2014. Para fins comparativos, na década de 1990 houve um aumento na ordem de 18,45%.

Figura 6 – Exportações da Gazprom de gás natural para a Europa (bcm)

Year	1973	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2011	2012	2013
Total	6.8	19.3	54.8	69.4	110.0	117.4	130.3	154.3	138.6	150.0	138.8	161,5

Fonte: Gazpromexport, 2014, texto digital.

³² *These actions represent attempts at market-seeking (participation in the EU downstream market) as well as strategic asset- or capability-seeking – mainly in Central Europe and the former Soviet Union – in order to maintain influence and secure control over transit routes. To prevent its partners from engaging in opportunistic behavior, Gazprom is endeavoring to maintain control through majority ownership rather than acting as a mere profit-seeking investor (see Table 2). The company certainly wanted to take the opportunity to enter the liberalized EU gas market (HEINRICH, 2008, p. 8).*

³³ A Gazprom realizava a comercialização de gás natural para a Europa usando a Ucrânia como país transitório de seus gasodutos, ou seja, a Ucrânia se tratava de um elemento estratégico para a companhia russa. Dada essa condição, os ucranianos começaram a barganhar os preços do recurso energético, porém os russos desejavam que os preços fossem os mais próximos possível dos níveis internacionais (HENDERSON, 2015). Dessa forma, a Rússia começou a realizar interrupções nas entregas de gás natural, impactando além das entregas à Ucrânia, os países europeus, pois a Ucrânia usou o gás destinado aos países europeus. Tal atitude russa evidenciou o uso do recurso natural como uma arma política (GOLDMAN, 2008).

O uso de estratégias, previamente citadas, de negociações individuais usadas pelo governo russo com cada país europeu, e não com a União Europeia, têm como consequência a pulverização das forças, o que gera acordos mais vantajosos. Em virtude disso, tem-se vantagens das relações com Alemanha, França, Itália, entre outros (TRENIN, 2007).

De acordo com os dados da Figura 7, é possível perceber a grande e crescente participação de países do ocidente europeu na composição dos volumes de exportação da Gazprom, os quais conforme o *site* da Gazpromexport (2014, texto digital), representam em torno de 79% das exportações para a Europa (incluindo a Turquia).

Figura 7 – Exportações da Gazprom de gás natural para a Europa por país (bcm)

País/Ano	2000	2005	2010	2011	2012	2013
Alemanha	34,2	39,9	34,0	34,0	33,0	40,2
Itália	22,0	22,0	13,2	17,1	15,1	25,3
Turquia	10,4	18,2	18,1	26,0	27,0	26,7
França	13,1	13,3	9,9	9,5	8,0	8,2
Hungria	7,9	9,2	7,0	6,2	5,3	6,0
Eslováquia	7,9	7,6	5,8	5,9	4,2	5,4
República Tcheca	7,5	7,4	8,6	7,6	7,3	7,3
Polônia	7,0	7,1	10,0	10,2	9,9	9,8
Áustria	5,1	6,9	5,6	5,4	5,2	5,3
Finlândia	4,3	4,6	4,9	4,2	3,8	3,6
Romênia	3,3	4,5	2,3	2,8	2,2	1,2
Bulgária	3,2	3,1	2,7	2,8	2,5	2,8
Sérvia e Bósnia	1,4	2,5	2,1	1,7	1,0	1,3
Grécia	1,8	2,4	2,1	2,9	2,5	2,6
Holanda	0,0	4,1	4,3	4,4	2,3	2,2
Eslovênia	0,6	0,8	0,5	0,5	0,5	0,5
Reino Unido	0,0	0,0	6,9	8,2	8,1	12,6
Suíça	0,4	0,4	0,4	0,3	0,3	0,4
Macedônia	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1

Fonte: Adaptado pelo autor com base em *Gazpromexport Annual Corporate Brochure*, 2007-2013, texto digital.

A estratégia de levar o gás até os consumidores europeus através de *joint ventures* aumentou os lucros das exportações de gás natural (MITROVA, 2008), o que, combinado às estratégias de Putin a partir de 2000, transformaram a Rússia em uma potência energética (GOLDMAN, 2008), atingindo o plano interno de implementação de reformas econômicas a partir da venda de recursos energéticos (ADAM, 2009).

Figura 8 – Vendas de gás natural para a Europa (incluindo impostos de consumo) 2,079

Moeda/Ano	2000	2005	2010	2011	2012	2013
Rublos Russos	294,296	850,017	1357,852	1763,716	1806,947	2115,748
Dólares (USD)	10,451	29,535	44,549	54,774	59,498	64,642
Tx conversão	28,16	28,78	30,48	32,20	30,37	32,73

(*) Valores em milhões de Rublos Russos e Dólares Americanos

Fonte: Adaptado pelo autor com base em Gazprom Financial Report, 2000, 2005, 2010 – 2013, texto digital.

Verificando a Figura 8, é perceptível o grande aumento no montante (pecúnia) advindo das vendas de gás para a Europa, tendo um aumento de 518,5%, quando comparado a um aumento de 23,94% no volume (ver Figura 6), reforçando os objetivos expansionistas no setor econômico, conforme descreve Mitrova (2008, p. 2, tradução do autor)³⁴ “Enquanto a velha estratégia era orientada a maximizar os volumes, a nova estratégia visa maximizar os lucros”.

4.4 A dependência europeia do gás russo

O setor energético europeu é abastecido por uma grande quantidade de importações de gás natural da Rússia, porém em termos absolutos no total de trocas comerciais entre os países não significa muito:

³⁴ While the old strategy was geared towards maximizing gas volumes, the new strategy aimed at maximizing profits (MITROVA, 2008, p. 2)

[...] é a qualidade da dependência que faz a Rússia igualmente importante a Europa. Petróleo e gás natural são *commodities* da mais alta importância estratégica, e a Europa atualmente não pode ficar sem o fornecimento russo. Uma parada russa hipotética no fornecimento de petróleo causaria menos danos à Europa do que uma interrupção no fornecimento de gás natural (PEROVIC, 2008, p. 3, tradução do autor).³⁵

Os russos interagem com os mercados europeus em busca de suas metas de segurança e economia (OLIKER et al., 2009). Os volumes de gás natural seriam inicialmente limitados em 30%, conforme comum acordo entre os líderes europeus, limitação essa que logo foi esquecida (GOLDMAN, 2008):

Os gasodutos são essenciais para a Política de expansão econômica da Rússia. Conforme Putin mencionou em uma reunião com os líderes europeus em Lahti em outubro de 2006, a Europa depende da Rússia em 44 por cento do gás natural que consome e 67 por cento das vendas de gás natural da Rússia são para a Europa (TRENIN, 2007, p. 99, tradução do autor)³⁶.

É válido salientar, conforme já exposto, a importância do gás natural e sua logística na estratégia de Putin:

Em 2006, 2009 e 2014, o governo russo já interrompeu o fornecimento de gás, comprometendo a Ucrânia e os outros mercados europeus. Por trás da batalha entre a estatal russa Gazprom, que cobra reajustes de preço e dívidas, e o governo ucraniano, que barganha preços e cobra pelo trânsito do gás para a Europa, está a utilização deste recurso de poder como ferramenta de negociação (PAUTASSO, 2014, p.86)

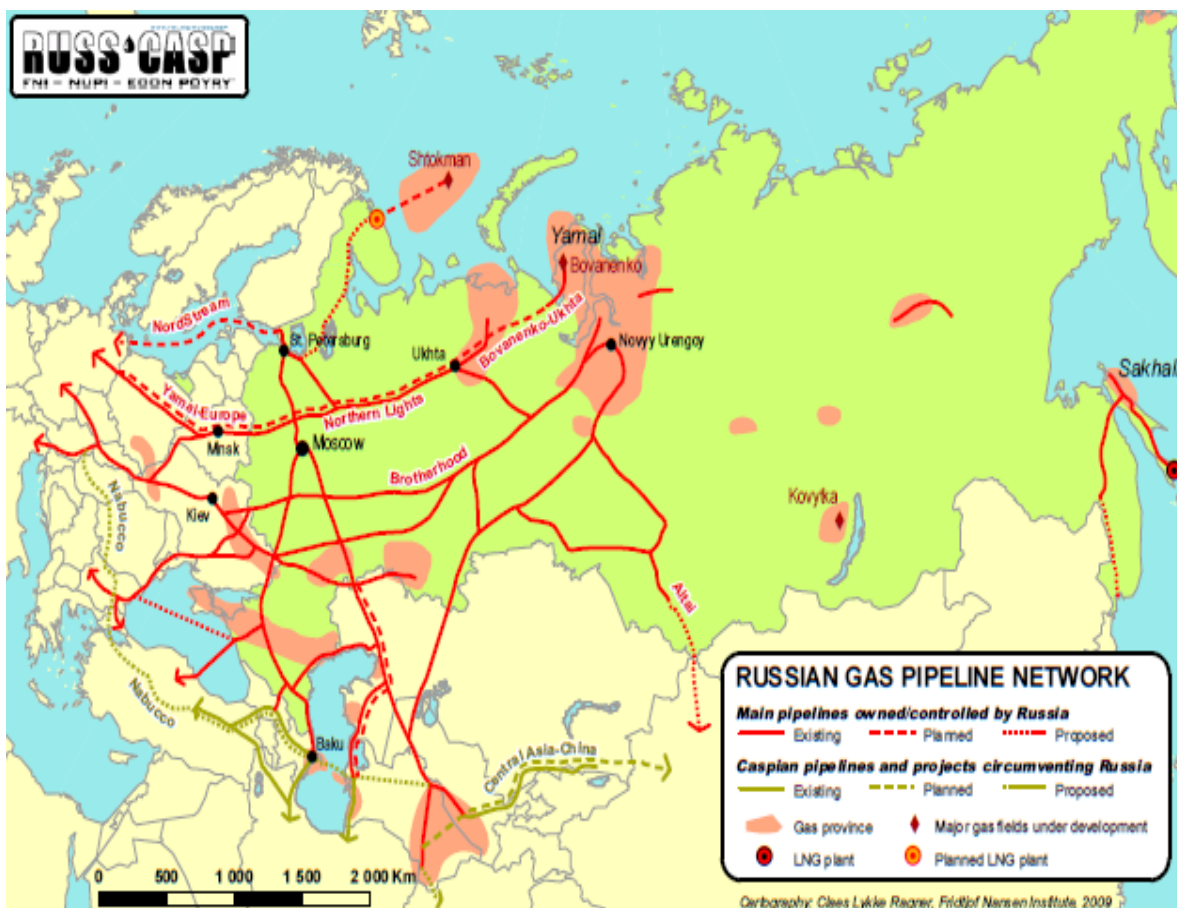
Ao analisar a figura 8, a qual ilustra o investimento na estrutura da rede de gasodutos da Rússia, evidencia-se a estratégia de direcionamento ao mercado europeu, em que o oeste é alcançado quase que em sua totalidade. Conforme

³⁵ [...] it is the quality of the dependency that makes Russia equally important to Europe. Oil and gas are commodities of the highest strategic importance, and Europe at present cannot do without Russian supplies. A hypothetical stop of Russian oil deliveries would hurt Europe less than a disruption of gas supplies (PEROVIC, 2008, p.3).

³⁶ Pipelines are essential to Russia's policy of economic expansion. As Putin mentioned at a meeting with EU leaders in Lahti in October 2006, Europe relies on Russia for 44 percent of the natural gas it consumes, and 67 percent of Russia's natural gas sales are to Europe (TRENIN, 2007, p. 99).

Muzalevski (2009, p. 40, tradução do autor)³⁷, “[...] Os investimentos da Gazprom garantiram que a Rússia detivesse o seu quase monopólio na exportação de gás natural para a Europa [...]”

Figura 9 – Gasodutos russos na Europa



Fonte: Russian Analytical Digest, 2009, p.11.

Como previamente abordado, a Rússia se tornou o principal fornecedor se tratando de gás natural para abastecer o mercado europeu. Almejando reduzir a dependência em relação aos europeus, a Rússia procurou outros mercados:

[...] Se para a China foi um meio importante de diversificar o suprimento energético, para a Rússia representou uma sinalização no sentido de que ela pode encontrar novos consumidores mais rapidamente do que a Europa

³⁷ *Gazprom investments have ensured that Russia retains its near-monopoly on gas exports to Europe (MUZALEVSKI, 2009, p. 40)*

poderia encontrar novos fornecedores de hidrocarbonetos (PAUTASSO, 2014, p. 86).

Através de sua estrutura de gasodutos que ligam os poços aos consumidores na Europa, o governo russo usa a Gazprom como uma ferramenta para atingir seus objetivos, usando os gasodutos para gerenciar as suas relações com a Europa (POUSSENKOVA, 2009). Mitrova (2008, p. 3, tradução do autor)³⁸ complementa, “Enquanto a antiga estratégia era caracterizada por dois princípios “sem estrangeiros na produção” e “vendas nas fronteiras”, a nova estratégia prevê a completa integração das empresas Russas no mercado internacional do gás [...]”.

4.5 Conclusões Preliminares

A Rússia, um país decadente na década de 1990, a partir dos anos 2000 se transforma numa potência energética, a qual através de estratégias elaboradas por Vladimir Putin busca exercer influência nas esferas políticas e econômicas da Europa. A inserção através de *Joint Ventures* evidencia o fato de que a Gazprom não foi inserida no mercado europeu apenas para gerar receitas, mas sim para fazer parte da rotina dos europeus e servir como ferramenta diplomática do governo russo nas relações com a Europa.

Negociando bilateralmente e sem uma política energética comum na União Europeia, a Gazprom reforçou sua presença no continente, atingindo inclusive a base industrial. É notório o trabalho de desenvolver a imagem da estatal russa, o que foi realizado também a partir de patrocínios e acordos no âmbito esportivo. A ideia de presença no continente europeu, aliada a políticas comerciais e investimentos em infraestrutura da distribuição do gás natural, consolidaram a Rússia como a maior fornecedora de gás natural da Europa.

No momento em que há uma relação de dependência em relação a um recurso energético que põe em risco as bases sociais e econômicas de um país, tem-se uma

³⁸ *While the old strategy was characterized by the two principles “no foreigners in production” and “sales on the border,” the new strategy envisages the upstream and downstream integration of Russian companies in the international gas business[...]* (MITROVA, 2008, p. 2008).

situação favorável ao exportador. Se tratando da Gazprom, a empresa teve como retorno o crescimento de suas receitas oriundas do gás natural e sua posição de poder, dada a importância do seu recurso ao importador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início dos 1990, o colapso da Guerra Fria havia deixado uma Rússia destruída sob a perspectiva econômica, política, social e diplomática. Um cenário de completa decadência se instaurou na nação russa, contrastando com um período anterior de dominação, poder, disseminação do comunismo, poderoso aparato militar e busca por hegemonia. De Gorbachev a Putin, passando por Yeltsin, ocorreram inúmeras transformações na tentativa de reposicionar a Rússia, em que se destaca o período de Putin, quando o gás natural ganhou visibilidade como item de grande valor econômico e estratégico.

Expostos os fatos acima, tem-se como consequência o objetivo da presente monografia, o qual foi alcançado, em que se buscou identificar os principais impactos do uso da Gazprom como ferramenta econômica e estratégica em relação à Europa entre o ano de 1999 e 2012. A fim de identificar detalhes e enriquecer o tema, optou-se também pelo trabalho com objetivos mais específicos, os quais proporcionaram uma maior densidade de conteúdo da pesquisa. Sendo assim, investigaram-se as transformações ocorridas na Rússia ao final da Guerra Fria, caracterizaram-se as estratégias no mercado do gás natural, caracterizou-se a Gazprom e ainda foi realizada uma investigação e análise das relações russas com a Europa, considerando também os volumes de gás natural comercializados.

Os objetivos foram construídos baseados na busca por fornecer subsídios para formular uma hipótese a partir da seguinte problemática “Quais os principais impactos do uso da Gazprom como ferramenta estratégica no âmbito econômico e diplomático entre 2000 e 2012 nas relações da Rússia com a Europa?”. A fim de responder à problemática, construiu-se a hipótese de que o impacto econômico e diplomático foi o

aumento das receitas advindas da exportação de gás natural, o resgate da influência russa no campo do poder perdida após o declínio soviético e, conseqüentemente, sua maior presença no continente europeu. A confirmação das hipóteses foi alicerçada nos capítulos dessa monografia.

Findada a década de 1980, após o colapso da União Soviética e a superioridade norte-americana, tem-se também o fracasso de Mikhail Gorbachev com suas propostas frustradas de liberalização, abertura econômica, desarmamento, desocupações, em um período de mudanças externas. Boris Yeltsin, no início da década de 1990, optou por reformas baseadas em premissas liberais na busca por reduzir déficits públicos, promover sobrevalorização cambial e combater a inflação, porém, como resultado, teve-se um cenário de degradação econômica e social, com a disseminação das máfias atuando no cenário interno e externo e considerável redução de capacidade russa de manobras no ambiente internacional.

Vladimir Putin, ao assumir o poder, em 1999, efetuou transformações com o objetivo de criar um sentimento nacionalista, período esse que buscou centralizar o poder. É nesse contexto que ganha relevância a Gazprom, empresa de exploração, comercialização e distribuição de gás natural, a qual sob a égide do Estado russo se torna uma das principais armas econômicas e diplomáticas da Rússia. Num momento em que se tem de um lado a Europa deficitária em produção própria de energia e de outro a Rússia com uma alta capacidade em produzir e distribuir gás natural, cria-se um laço econômico entre fornecedor e consumidor muito forte. Dadas às condições expostas, criam-se relações que vão além do campo econômico, dando ao tema extrema relevância nas Relações Internacionais contemporâneas, pois dadas as informações expostas é possível compreender de forma mais clara as transformações ocorridas na Rússia. Se torna factível o engajamento russo em recuperar o prestígio e poder perdidos ao final da guerra fria, condição essa que proporciona uma maior inserção no ambiente econômico, político e diplomático.

Com mais de 160 mil quilômetros de extensão de gasodutos, a estatal Gazprom, importante ferramenta controlada pelo governo Putin, fez parte de uma estratégia voltada a expandir os negócios com a Europa, criando uma estreita relação entre oferta e demanda. A empresa ganhou importância, administrada por pessoas próximas a Putin e de sua confiança, confirmou com números os resultados de suas

políticas econômicas, como detentora das maiores reservas do mundo, que correspondem a 17% em nível mundial e também com 13% da produção em nível mundial.

Foi constatado também que as relações com a Europa se intensificaram a partir de uma configuração favorável, fruto da criação de *Joint Ventures*, construção de gasodutos para entregar o gás natural diretamente aos países europeus, sem intermédio de terceiros e contratos de fornecimento de longo prazo. Tal estratégia criou um cenário de extrema dependência dos europeus em relação ao fornecimento russo, fato esse que se verificou através da pesquisa, em que qualquer parada na transmissão traria prejuízos incalculáveis aos consumidores. Dada a situação exposta, foram dadas as condições para uma maior exploração do recurso energético, o que se comprovou a partir dos dados que mostram que as receitas provenientes da exportação de tal material aumentaram em 518,5%, quando comparado a um aumento de 23,94% no volume.

Com políticas comerciais mais agressivas, um governo mais controlado no âmbito externo e interno e exploração do gás natural, Putin criou um cenário em que buscou o resgate da imagem de potência perdida no final da Guerra Fria. A partir da inserção no mercado europeu, seja através de companhias ou comercialização do gás natural, a Rússia criou uma forte arma diplomática para impor algumas regras no jogo, uma vez que com estratégias de expansão em outros mercados é mais fácil encontrar novos consumidores do que novos fornecedores. Os fatos acima expostos confirmam a ideia de que as manobras realizadas pelos russos mudaram a posição da Rússia no cenário internacional, passando a obter mais receitas, fazendo uso de um melhor posicionamento na tomada de decisões, bem como uma maior participação na vida da população europeia, inclusive com iniciativas no âmbito esportivo.

As velhas estratégias eram concentradas em aumento dos volumes e sem integração de mercados, porém as novas preveem uma maior integração e maiores receitas, configurando-se como uma dependência de alta qualidade, uma vez que qualquer interrupção causa danos relevantes na vida dos consumidores europeus. A Rússia fez uso de um importante recurso para a Europa, na qual concentrou boa parte de suas estratégias, tendo como consequência uma maior participação e

influencia no âmbito regional e internacional. O engajamento no reposicionamento russo no sistema internacional é perfeitamente compreensível a partir dos dados econômicos já apresentados, considerando o crescimento das vendas de gás natural para a Europa, bem como um elevado crescimento do PIB a partir de 2000.

O tema desenvolvido apresentou conteúdo para a confirmação das hipóteses da pesquisa, tratando-se de um assunto atual e muito importante das relações internacionais, uma vez que tanto Rússia quanto o continente europeu estão entre os maiores *players* quando se disserta ou se discute sobre economia, política e aspectos sociais.

A presente pesquisa proporcionou vasto conhecimento para o autor, contribuindo de forma considerável para sua formação e entendimento das relações internacionais contemporâneas. Também é válido mencionar que pode ser utilizado para futuras consultas sobre o tema, mesmo que não se tenha o objetivo de esgotar o tema a partir do estudo realizado.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin. A Economização da Política Externa Russa. In: **Fórum Brasileiro de Pós-Graduação em Ciência Política**. Belo Horizonte, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BANCO MUNDIAL – *SITE OFICIAL*. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD/countries>>. Acesso em 18 nov. 2015.

BRAGA, Sandra Rodrigues. Sentos, Consensos e Dissensos: Itinerários Geopolíticos de Ratzel a Lacoste. **Revista de Geopolítica**, Ponta Grossa, v.2, nº1, p. 146-163, jan./jun. 2011. Disponível em: <www.revistageopolitica.com.br>. Acesso em 18 abr. 15.

BOSSEN, Gerd D. A Rússia após as eleições presidenciais: a arrancada rumo a um novo início. In: **Cadernos Adenauer 5: A Rússia no Início da Era Putin**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, jul. 2000.

CASTELLS, Manuel. Fim do milênio. In: **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura** Tradução de Klauus Brandini Gerhardt e Roneide Venacio Majer. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. E-book. Disponível em: <http://www.espiritodafenix.com/Lucian_e_Fernand_arquivos/Arquivos/Vol3_Fim_de_Milenio_Manuel_Castells.pdf>. Acesso em 10 mar. 2015.

CHEMIN, Beatris F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 2. ed. Lajeado: Univates, 2012. E-book. Disponível em: <www.univates.br>. Acesso em 02 set. 2014.

GAZPROM – *SITE OFICIAL*. Disponível em: <www.gazprom.com>. Acesso em 04 set. 2014.

GAZPROM, **Gazprom Financial Report 2000**. Moscou, 2000. Disponível em: <www.gazprom.com/fposts/61/336614/1eng.pdf>. Acesso em 28 out. 2014.

_____, **Gazprom Financial Report 2006**. Moscou, 2006. Disponível em: <www.gazprom.com/f/posts/88/439833/1finans_eng.pdf>. Acesso em 28 out. 2014.

_____, **Gazprom Financial Report 2011**. Moscou, 2011. Disponível em: <www.gazprom.com/f/posts/51/402390/1financialreport2011-eng.pdf>. Acesso em 28 out. 2014.

_____, **Gazprom Financial Report 2013**. Moscou, 2013. Disponível em: <www.gazprom.com/f/posts/07/271326/gazprom-ifs-2013-12m-en.pdf>. Acesso em 28 out. 2014

GAZPROMEXPORT – *SITE OFICIAL*. Disponível em: <www.gazpromexport.ru>. Acesso em 28 out. 2014.

GAZPROMEXPORT, **Gazpromexport Annual Corporate Brochure 2007**. Moscou, 2007. Disponível em: <http://www.gazpromexport.ru/contente/file/broshure/ge_en_2007.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

_____, **Gazpromexport Annual Corporate Brochure 2008**. Moscou, 2008. Disponível em: <http://www.gazpromexport.ru/contente/file/broshure/ge_en_2008.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

_____, **Gazpromexport Annual Corporate Brochure 2009**. Moscou, 2009. Disponível em: <http://www.gazpromexport.ru/contente/file/broshure/ge_en_2009.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

_____, **Gazpromexport Annual Corporate Brochure 2010**. Moscou, 2010. Disponível em: <http://www.gazpromexport.ru/contente/file/broshure/ge_en_2010.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

_____, **Gazpromexport Annual Corporate Brochure 2011**. Moscou, 2011. Disponível em: <http://www.gazpromexport.ru/contente/file/broshure/ge_en_2011.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

_____, **Gazpromexport Annual Corporate Brochure 2012**. Moscou, 2012. Disponível em: <http://www.gazpromexport.ru/contente/file/broshure/ge_en_2012.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

_____, **Gazpromexport Annual Corporate Brochure 2013**. Moscou, 2013. Disponível em: <http://www.gazpromexport.ru/contente/file/broshure/ge_en_2013.pdf>. Acesso em 29 out. 2014.

GAZPROM becomes Champions League partner. **Sportsmedia**, texto digital, 09 jul 2012. Disponível em: <http://www.sportspromedia.com/news/gazprom_becomes_latest_champions_league_partner>. Acesso em 20 ago 2015.

GAZPROM Football Empire – the creation of a global image campaign. **Futbolgrad**, texto digital, 28 jan 2014. Disponível em: < <http://futbolgrad.com/gazprom-football-empire-creation-global-image-campaign/>>. Acesso em 20 ago 2015.

GAZPROM to Pump Millions Into Schalke. **Deutsche Welle**, texto digital, 10 out. 2006. Disponível em: < <http://www.dw.com/en/gazprom-to-pump-millions-into-schalke/a-2199406>>. Acesso em 20 ago 2015.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. E-book. Disponível em: <http://www.academia.edu/4405328/GIL_Antonio_Carlos_COMO_ELABORAR_PROJETOS_DE_PESQUISA_Copia>. Acesso em 17 nov. 2014.

GODZIMIRSKI, Jakub M. The Northern Dimension of the Russian Gas Strategy. In: **Russian Analytical Digest**. Oslo, n. 58, Abril/2009. p. 2-4. Disponível em: <<http://www.csss.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-58.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2015.

GOLDMAN, Marshall I. **Putin, Power, and the new Russia Petrostate**, Oxford University Press, 2008. E-book. Disponível em: <www.willzuzak.ca/cl/putin/Goldman2008PetrostatePutinPower.pdf>. Acesso em 28 out. 2014.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**. Tradução de Cristina Soreanu Pecequilo. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HEINRICH, Andreas. Gazprom – A Reliable Partner for Europe’s Energy Supply?. In: **Russian Analytical Digest**. Moscow, n. 1, junho/2006. p. 2-6. Disponível em: <<http://www.csss.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-1.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2015.

HEINRICH, Andreas. Gazprom – Gazprom’s Expansion Strategy in Europe and the Liberalization of EU Energy Markets. In: **Russian Analytical Digest**. Koszalin, n. 34, fevereiro/2008. p. 8-10. Disponível em: <<http://www.csss.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-1.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2015.

HENDERSON, James. *Russia’s Changing Gas Relationship with Europe*. In: **Russian Analytical Digest**. Oxford, n. 163, Fevereiro/2015. p. 2-6. Disponível em: <<http://www.csss.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-163.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2015.

HURST, Cindy. *The Militarization of GAZPROM*. In: **Military Review**. 2010. Disponível em: < <http://fmso.leavenworth.army.mil/documents/Militarization-of-Gazprom.pdf>>. Acesso em 23 out. 2014.

KREMLIN – *SITE OFICIAL*. Disponível em: < www.kremlin.ru >. Acesso em 25 abr. 2015.

MARKOV, Serguei. Rússia na mais importante etapa política das eleições parlamentares de 2007 e presidenciais de 2008. In: **II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional (Rio de Janeiro, 2007): O Brasil no Mundo que vem aí. Seminário: Rússia**. Brasília. Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 19-48

MARTIN, William F.; HARRJE, Evan M. The International Energy Agency. In: KALICKI, Jan H., GOLDWYN, David L. (Eds.). **Energy and Security: toward a new foreign policy strategy**. Washington: Woodrow Wilson Center Press, 2005. p. 97-116.

MEZZARROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia S. Manual de metodologia da pesquisa no Direito. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

MITROVA, Tatiana. Gazprom's perspective on International Markets. In: **Russian Analytical Digest**. Moscow, n.41, maio/2008. p. 2-6. Disponível em: <<http://www.csss.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-41.pdf>>. Acesso em 28 out. 2014.

MUZALEVSKI, Roman. Russia's Strategy in Central Asia: Na Analysis of Key Trends. In: **Yale Journal of International Affairs**, New Haven, 2009. p. 26-42. Disponível em: <<http://yalejournal.org/wp-content/uploads/2011/01/094103muzalevsky.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2015.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NORD STREAM *SITE*. Disponível em: <www.nord-stream.com>. Acesso em 18/05/2015.

NYE JR., Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais: uma leitura essencial para entender as principais questões da política mundial**. São Paulo: Gente, 2009.

_____. **Compreender os conflitos internacionais: uma introdução à teoria e à história**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 2011.

OLIKER, Olga; CRANE, Keith; SCHWARZ, Lowell; YUSUPOV, Catherine. **Russian Foreign Policy: Sources and Implementations**. Santa Monica: RAND Corporation, 2009.

OLCOTT, Martha Brill. **The energy dimension in russian global strategy: Vladimir Putin and the geopolitics of oil**. Houston: The James A. Baker III Institute for Public Policy of Rice University, 2004. Disponível em: <carnegieendowment.org>. Acesso em 28 out. 2014.

ORTTUNG, Robert. Putin's Political Legacy. In: **Russian Analytical Digest**. Washington, n.36, março/2008. p.5-11. Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-36.pdf>>. Acesso em 04 set. 2014.

PAUTASSO, Diego. **China e Rússia no Pós-Guerra-Fria: Inserção Internacional e Transição Sistêmica**. Curitiba: Juruá, 2011.

PAUTASSO, Diego. Da política de contenção à reemergência: a Rússia volta ao tabuleiro. In: **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, v.6, n.3, p. 73-94, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/53926/33183>>.

PEROVIC, Jeronim. Russian Energy Power Abroad. In: **Russian Analytical Digest**. Zurich, n.33, janeiro/2008. p.2-4. Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-33.pdf>>. Acesso em 04 set. 2014.

POUSSENKOVA, Nina. All Quiet on the Eastern Front.... In: **Russian Analytical Digest**. Moscow, n.33, janeiro/2008. p.5-11. Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-33.pdf>>. Acesso em 04 set. 2014.

POUSSENKOVA, Nina. Gazprom and Russia's Great Eastern Pipe-Dreams. In: **Russian Analytical Digest**. Moscow, n.41, maio/2008. p.5-11. Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-58.pdf>>. Acesso em 04 set. 2014.

REIS, Daniel Aarão. Rússia – política e estratégia. In: **II Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional (Rio de Janeiro, 2007): O Brasil no Mundo que vem aí. Seminário: Rússia**. Brasília. Fundação Alexandre de Gusmão, 2008. p. 49-77.

SIMMONS, Daniel; Murray, Isabel. Russian Gas: Will there be enough investment?. In: **Russian Analytical Digest**. Paris, n.27, set/2007. p.2-6. Disponível em: <<http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-27.pdf>>. Acesso em 04 set. 2014.

THOMAS, Fennel. **Putin's Thesis (Raw Text)**, texto digital. Disponível em: <www.theatlantic.com/daily-dish/archive/2008/08/putins-thesis-raw-text/212739/1>. Acesso em 28 out. 2014.

TRENIN, Dimitri. Russia Redefines itself and its Relations with the West. In: **The Washington Quarterly**. Washington, vol. 30, issue 2, 2007. p. 95-105. Disponível em: <faculty.maxwell.syr.edu/rdenever/USNatSecondForeignPol/Trenin_RussiaRedefines.pdf>. Acesso em 04 set. 2014.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. **A grande crise: a nova (des)ordem internacional dos anos 80 aos 90**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. **A guerra fria: o desafio socialista à ordem americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

_____. **Dez anos que abalaram o século 20: a política internacional de 1989 a 1999**. 1 ed. Porto Alegre: Novo Século, 1999.